

# O Assalto ao Apoio Evangélico a Israel



MONOGRAPH SERIES

**CAMERA**  
COMMITTEE FOR ACCURACY IN  
MIDDLE EAST REPORTING IN AMERICA

**CAMERA Conference**  
**Los Angeles, CA**  
**January 18, 2016**



# **O Assalto ao Apoio Evangélico a Israel**

**CAMERA Serie de Monografia**

Uma publicação da CAMERA,

Comitê de Precisão no Oriente Médio Relatando na América  
Boston, Massachusetts

A CAMERA, o Comitê de Precisão em Relatórios do Oriente Médio na América, é uma organização nacional de monitoramento de mídia fundada em 1982 que trabalha para promover uma cobertura mais precisa, equilibrada e completa de Israel e do Oriente Médio. Ciente do papel vital dos meios de comunicação de massa na formação da percepção pública e das políticas públicas, a CAMERA busca educar jornalistas e consumidores de notícias sobre as questões complexas relacionadas à conquista da paz no Oriente Médio. A CAMERA é uma organização sem fins lucrativos, isenta de impostos, de acordo com a seção 501 (c) (3) do Código de Receitas Internas dos Estados Unidos.

Publicado por

The Committee for Accuracy in Middle East Reporting in America (CAMERA)  
P.O. Box 35040 Boston, MA 02135

Copyright © 2016 by The Committee for Accuracy in Middle East Reporting in America

Traduzido por: Filipe S.S. Gouvea

Design do Livro: Emily Regan

Imagem de capa: flash90

Fotos: commons.wikipedia.org com as seguintes exceções: p. 10 Digitalizar a partir da capa do programa, p. 11 Conferência Cristo no Checkpoint captura de tela de vídeo promocional, p. 12 digitalizar a partir da capa do filme, p. 13 scans do programa e21, p. 14 Dexter Van Zile, p. 14 oruoracle.com, p. 17 Dexter Van Zile, p. 18 Com a captura de tela *Com Deus ao nosso lado*, p. 19 digitalizar a partir da capa do filme p. 21 Captura de tela de *Pequena Cidade de Belém*, p. 36 loc.gov

# CONTEÚDO

<b>Introdução</b> Andrea Levin, Diretora Executiva CAMERA	7
<b>Desenvolvimentos Significativos no Assalto ao Apoio Evangélico a Israel</b> Tricia Miller, Ph.D.	9
<b>O Novo Desafio da Igreja</b> Dexter Van Zile	16
<b>Por que os Cristãos Deveriam ser Sionistas?</b> Rev. Gerald R. McDermott, Ph.D.	24
<b>As Raízes Judaicas do Cristianismo</b> Brad H. Young, Ph.D.	35



# Introdução

## Andrea Levin, Diretora Executiva CAMERA

Andrea Levin é a Diretora Executiva e Presidente da CAMERA, a organização que ela dirige há 25 anos. Levin, que foi nomeada em 2003 pelo jornal *Forward* como um dos Judeus Americanos mais influentes, amplamente escreve e realiza palestras sobre a cobertura da mídia em relação ao conflito Árabe-Israelense e seu impacto na opinião pública. Suas colunas apareceram em numerosas publicações, incluindo o *Wall Street Journal*, *Jerusalem Post*, *Boston Globe*, *International Herald Tribune*, *New York Post*, *New Republic*, *Middle East Quarterly*, *National Post* e *Commentary*.



Tivemos o prazer de ver uma participação significativa em um evento importante em Los Angeles, patrocinado pela CAMERA, para enfocar questões extremamente urgentes relacionadas a Israel e aos laços entre Judeus e Cristãos Evangélicos.

A CAMERA é uma organização de 35 anos com 65.000 membros em todo o mundo. Estamos sediados em Boston, com escritórios em Nova York, Los Angeles, Palm Beach, Washington DC e Jerusalém. A CAMERA é pioneira e líder no monitoramento da cobertura de mídia de Israel e do Oriente Médio. Trabalhamos para promover uma cobertura precisa através da atenção sistemática ao relato, verificação, interação intensiva com jornalistas, editores, produtores e executivos—e envolvimento das vozes de nossos quase 20.000 ativistas.

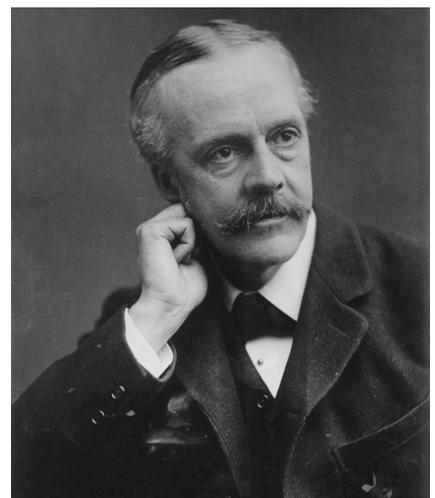
**Nós acreditamos que existem verdades objetivas nos assuntos atuais, na história e em assuntos relacionados à nossa herança Judaico-Cristã compartilhada.**

Nós nos concentramos não apenas em se os meios de comunicação, como *The New York Times* e a CNN acertam os fatos sobre os eventos no conflito Árabe-Israelense, mas por três décadas também trabalhamos para promover informações precisas na mídia Cristã, incluindo publicações, documentários, livros, sites e proclamações.

A CAMERA não toma posições políticas sobre políticas governamentais Americanas ou Israelenses ou advoga a favor ou contra qualquer ações políticas. Nossa equipe, conselhos e membros abrangem o espectro político, mas estão unidos na crença de que distorções e mentiras descaradas sobre o conflito e o ódio de Israel alimentam o ódio e devem ser combatidas a todo momento.

Defendemos a cobertura factual da mídia—para uma interpretação completa e equilibrada das realidades. Acreditamos que existem verdades objetivas nos assuntos atuais, na história e em assuntos relacionados à nossa herança Judaico-Cristã compartilhada, apesar das afirmações distorcidas e aparentemente bizarras de alguns que podem tentar destruir os laços dos Judeus e seus aliados Cristãos. Por exemplo, o fato é que Jesus não era Palestino. Ele era Judeu. Incrivelmente, essa é uma questão que potencialmente se destaca e saberemos mais sobre o motivo pelo qual isso é propagado.

Nós, na CAMERA, e muitos na comunidade Judaica, temos plena consciência da longa história do Sionismo Cristão e das muitas figuras históricas do mundo Evangélico que trabalharam, algumas heroicamente,



General Lorde Arthur Balfour

em nome de Israel. Lorde Arthur Balfour contribuiu apoio Britânico para a restauração de uma pátria Judaica. General Orde Wingate falou com paixão a favor dos Judeus nos anos 1930, acreditando na causa com base religiosa, política e moral.

O Coronel John Patterson comandou a Legião Judaica na Primeira Guerra Mundial e foi um Sionista vitalício. Ele e sua esposa morreram aqui na Califórnia há alguns anos e seu desejo era ser enterrado em Israel perto de alguns dos combatentes que ele já liderou. Em 2014, seus restos foram transferidos para um moshav ao norte de Netanya, fundado por membros da Legião Judaica.

Muitos, muitos outros Cristãos Sionistas ficaram ao lado de Israel em sua hora de necessidade. Os laços se estendem de volta ao passado e são poderosos hoje também. Mas no momento em que o Estado Judeu está sob um ataque generalizado de propaganda, há sinais preocupantes de que algumas das mentiras sobre Israel começaram a afetar as atitudes e crenças de alguns nessa importante comunidade.

Nossa reunião em Los Angeles foi apenas o primeiro passo para explorar e expor o dano potencial a Israel e à aliança Evangélica com Israel que precisa ser entendida e revertida. Agora estamos distribuindo esta monografia contendo material da conferência, e estamos realizando eventos semelhantes em outras cidades nos EUA. Nosso objetivo é impedir a difamação de Israel onde ela estiver ocorrendo e proteger a aliança preciosa de Judeus e Cristãos Evangélicos.

Nossos palestrantes em Los Angeles estavam liderando especialistas em uma série de questões relacionadas ao tema do apoio Evangélico a Israel. Ouvimos primeiro a Dra. Tricia Miller, Analista Sênior de Pesquisa da CAMERA. Ela monitora as organizações Cristãs e a atividade da mídia em relação ao conflito Árabe-Israelense. Ela foi publicada em numerosas publicações, incluindo *First Things*, *The Algemeiner*, *New English Review*, *Charisma News*, *Breaking Israel News*, *Times of Israel*, *JNS*, e *Jerusalem Post*.

Tricia tem um Ph.D. na Bíblia Hebraica e escreveu sua dissertação sobre o anti-Semitismo em relação ao livro de Esther. O livro dela, *Jews and Anti-Judaism in Esther and the Church*, foi publicado em maio de 2015, e aborda a relação de Esther com o atual anti-Judaísmo e anti-Sionismo Cristão. Tricia apresentou informações muito importantes sobre o por que estamos alarmados com as tendências do mundo Evangélico.

# Desenvolvimentos Significativos no Assalto ao Apoio Evangélico a Israel

**Tricia Miller, Ph.D.**

A Dra. Tricia Miller é Analista de Mídia Cristã da CAMERA. Ela monitora as organizações Cristãs e a mídia em relação ao conflito Árabe-Israelense e se concentra especificamente nos efeitos do anti-Sionismo Cristão no apoio a Israel no mundo Evangélico. O livro dela, *Jews and Anti-Judaism in Esther and the Church*, aborda a relação do livro de Esther com o atual anti-Judaísmo e anti-Sionismo Cristão.



Nosso programa para a conferência em Los Angeles incluiu líderes acadêmicos e líderes religiosos que examinaram vários aspectos do ataque ao apoio Evangélico a Israel, forneceram antídotos para esta cruzada anti-Sionista e apresentaram razões convincentes para a cooperação Judaico-Evangélica em apoio a Israel. Nossa esperança é que o material apresentado nos próximos capítulos irá informar, equipar e inspirar os Evangélicos e Judeus a trabalharem juntos em prol da verdade em relação a Israel.

Quero apresentar três desenvolvimentos recentes que representam ameaças significativas para o futuro do apoio Evangélico a Israel. Esses desenvolvimentos já desempenham, ou têm o potencial de desempenhar, um papel importante em uma cruzada politicamente motivada que tem como alvo os Evangélicos Americanos com o propósito de ganhar apoio espiritual e financeiro para a causa Palestina. Mas antes de começar, quero dar uma breve explicação dos fundamentos teológicos do esforço conjunto para desviar o mundo Evangélico de Israel.

**É precisamente por causa de essa crença histórica em uma pátria Judaica de que a base Evangélica de apoio a Israel se tornou alvo de uma campanha política cada vez mais bem-sucedida, disfarçada em termos teológicos.**

## Alicerce Teológico do Ataque

O apoio Evangélico a Israel baseia-se em um fundamento histórico e teológico tão antigo quanto o Cristianismo. Desde os primórdios do movimento Evangélico—que antecede a fundação do Estado de Israel por um par de cem anos—os Evangélicos acreditam que os Judeus têm o direito de restabelecer uma nação em sua antiga terra natal. É precisamente por causa desta crença histórica em uma pátria Judaica que a base Evangélica de apoio a Israel tornou-se alvo de uma campanha política cada vez mais bem-sucedida, disfarçada em termos teológicos.

**Teologia da substituição Palestina substitui os Judeus nos propósitos de Deus através da alegação ultrajante de que os Palestinos são os povos indígenas da Terra.**

A cruzada para obter apoio para a causa Palestina é revestida de uma falsa narrativa teológica e histórica que apela aos Cristãos bem-intencionados que são movidos por uma mensagem emocional que carece de fatos, contexto histórico e um método consistente de interpretação bíblica. A teologia

errônea e a história reescrita que formam a base da narrativa política Palestina nada mais é do que uma versão personalizada da teologia de substituição de 2000 anos, que sustenta que os Cristãos e a Igreja substituíram os Judeus e Israel nos propósitos de Deus.

Teologia da substituição Palestina substitui os Judeus nos propósitos de Deus através da alegação ultrajante de que os Palestinos são os povos indígenas da Terra. De acordo com essa crença, os Judeus que agora vivem em Israel são descendentes de Europeus e só apareceram

na Terra no século XIX. Portanto, os Palestinos são os legítimos proprietários da Terra e estão sendo oprimidos por ocupantes ilegais. Em outras palavras, o Estado Judeu é legítimo.

A afirmação de que os Palestinos possuíram a Terra por 2000 anos promove uma causa política, mas também tem outras ramificações de longo alcance. A conclusão lógica da afirmação de que os Palestinos são indígenas da Terra é a crença de que Jesus era Palestino. Afinal, como Jesus poderia ter sido Judeu se não houvesse Judeus na Terra quando ele nasceu lá? Isto é, de fato, o que muitos Cristãos Palestinos acreditam, e há sérias consequências dessa teologia politicamente inspirada.

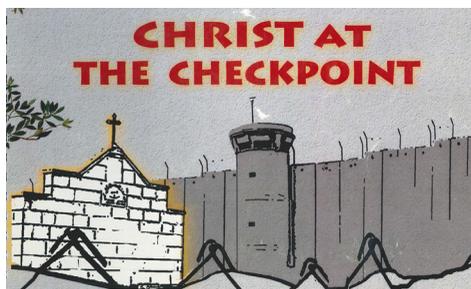
A invenção de um Jesus Palestino nega o Judaísmo de Jesus e desconstrói os fundamentos da fé Cristã ao separar essa fé de suas raízes e contexto Judaico. Como resultado, a fé Cristã é deslegitimada. Um Jesus Palestino também é perigoso para os Judeus. Quando Jesus é separado de seu Judaísmo, o caminho é pavimentado para a mesma demonização e desumanização do povo Judeu que resultou da identificação de Jesus como um ariano Nazista—e todos nós sabemos da história onde esta estrada nos levou...

**A conclusão lógica da alegação de que os Palestinos são indígenas da Terra é a crença de que Jesus era um Palestino.**

## Desenvolvimentos Significativos no Ataque

Com esta explicação dos fundamentos teológicos deste movimento politicamente motivado em mente, quero discutir três desenvolvimentos significativos que ameaçam o futuro apoio Evangélico de Israel—todos os quais começaram em 2010.

### Conferências Cristo no Checkpoint



2010 foi o ano em que o primeiro de uma série de conferências conhecidas como Cristo no Checkpoint foi realizado em Belém. Desde 2010, este encontro tem sido realizado a cada dois anos pelo Faculdade Bíblica de Belém, que é um colégio Cristão Evangélico. O presidente da escola é um homem chamado Jack Sara. Através do alcance desta escola, os Evangélicos Americanos são alvos de uma mensagem unilateral baseada na teologia Palestina de substituição, acusações

falaciosas de racismo e apartheid, e uma falha narrativa histórica. A maioria dos participantes nas Conferências Cristo no Checkpoint são líderes Evangélicos Americanos que retornam aos EUA e propagam uma narrativa que nada mais é do que o anti-Sionismo Cristão, que é a nova manifestação do anti-Semitismo Cristão.

É importante notar que através do conteúdo e imaginário, esses Cristãos Palestinos promovem uma mensagem muito clara—os Israelenses estão oprimindo-os da mesma forma que os Judeus do primeiro século supostamente perseguiram Cristo. A implicação é que se Jesus vivesse em Belém hoje, ele teria que passar por postos de controle exatamente como os Palestinos fazem—porque lembre-se, segundo eles, Jesus era um Palestino.

**A maioria dos participantes nas Conferências Cristo no Checkpoint são líderes Evangélicos Americanos que retornam aos EUA e propagam uma narrativa que nada mais é do que o anti-Sionismo Cristão.**

Na realidade, Jesus não seria permitido entrar na cidade Belém de hoje—não por causa dos Israelenses, mas por causa da Autoridade Palestina, que declarou que todo o território sob seu controle deve ser *Judenrein*.

## **Além de suas conferências, Cristo no Checkpoint divulga sua mensagem anti-Israel através de vídeos disponibilizados no YouTube.**

Essa realidade me leva a apontar uma inconsistência óbvia e gritante na narrativa Palestina. Por um lado, afirma-se que Jesus era um Palestino, já que, de acordo com o roteiro político, não havia Judeus na terra há 2000 anos. Por outro lado, a mensagem do Faculdade Bíblica de Belém e de Cristo no Posto de Controle é que, se Jesus vivesse lá hoje, seria oprimido pelos Israelenses da mesma forma que foi perseguido pelos Judeus do primeiro século.

Mas como Jesus poderia ter sido perseguido pelos Judeus se eles não estivessem lá quando ele estava lá? Qual é? Havia Judeus na terra há 2000 anos ou não? Infelizmente, essa propaganda não permite que fatos ou métodos padrão de interpretação bíblica atrapalhem. O que é importante para a narrativa Palestina é a perpetuação do milagre Cristão de dois milênios que diz que os Judeus perseguem os Cristãos.

Além de suas conferências, Cristo no Checkpoint divulga sua mensagem anti-Israelense através de vídeos disponibilizados no YouTube. Em Março de 2015, esta organização produziu uma peça de dois minutos promovendo um Cristo próximo na Conferência Jovem Checkpoint, que fornece um exemplo gráfico de quão vil pode ser o anti-Sionismo Cristão.



Piloto Jordânico queimado vivo pelo ISIS



Posto de Controle Palestino

Por meio de imagens gráficas, este vídeo equivale às medidas de segurança anti terroristas de Israel com as atrocidades cometidas pelo ISIS. Imagens de prisioneiros ISIS prestes a serem decapitados são justapostas com imagens do muro de segurança de Israel. Imagens do piloto Jordânico prestes a ser queimado vivo em uma gaiola são justapostas com pessoas atrás das grades passando por um posto de controle. E imagens da bandeira ISIS são justapostas com imagens da bandeira Israelense. O vídeo também equivale a ISIS e Israel com o vírus H1N1, também conhecido como gripe suína, que, como sabemos, é altamente contagioso.



Foto da bandeira iSiS no vídeo do Cristo no Checkpoint



Foto da bandeira Israelense no vídeo do Cristo no Checkpoint

Só se pode concluir que os produtores deste vídeo estão comparando a existência de Israel—ou, pelo menos, a existência da barreira de segurança e a necessidade de postos de controle—com a disseminação contagiosa da gripe suína e a facilidade com que a ISIS conquista território e a selvageria com a qual aterroriza suas vítimas. Sem mencionar o que parece ser a analogia óbvia entre o Estado Judeu e a gripe suína. Este é apenas um dos vários vídeos altamente ofensivos e perigosos produzidos por Cristo no Checkpoint e sua instituição patrocinadora, Faculdade Bíblica de Belém —ambos sob a liderança do presidente Jack Sara.

## Documentários Cristãos Anti-Israel

O segundo desenvolvimento significativo de 2010 foi a produção de um documentário Cristão virulentamente anti-Israelense, intitulado *Pequena Cidade de Belém*. Este documentário foi produzido por Mart Green (um dos proprietários da cadeia de varejo, Hobby Lobby) sob a direção de Sami Awad do Holy Land Trust. O Holy Land Trust é uma organização pró-Palestina sediada em Belém que também ajuda a patrocinar as Conferências Cristo no Checkpoint.

**Este filme apresenta uma falsa narrativa...e nada mais é que propaganda que demoniza e deslegitima o Estado Judeu.**

Em suma, este filme apresenta uma falsa narrativa consistente com a de Cristo no Checkpoint, e nada mais é do que propaganda que demoniza e deslegitima o Estado Judeu. Foi mostrado em mais de quatrocentos locais nos EUA, incluindo campos universitários Evangélicos e igrejas

Evangélicas. Como resultado, ele contribuiu significativamente para a promoção da agenda Palestina e para o enfraquecimento da próxima geração de apoio Evangélico a Israel.

No próximo capítulo, Dexter Van Zile, entrará em mais detalhes sobre os problemas específicos associados a este filme. Mas, *Pequena Cidade de Belém* precisava ser mencionado neste momento por causa de sua relevância para o terceiro desenvolvimento significativo de 2010, que foi o ano de um novo uma organização mundial chamada Empowered21 que realizou sua primeira conferência internacional em Tulsa, OK.

## Empowered21

A visão declarada de Empowered21 é “Que cada pessoa na Terra tenha uma fé encontro com Jesus Cristo através do Poder e Presença do Espírito Santo pelo Pentecostes de 2033”. De acordo com esta organização, para que sua missão seja cumprida, os Cristãos Evangélicos em todo o mundo devem estar unidos.

Eu participei da conferência internacional da Empowered21 em Maio passado em Jerusalém. Todos os oradores nas sessões principais, ao longo de 4 dias—manhã, tarde e noite—enfatazaram de algum modo a necessidade de união Cristã para realizar o objetivo da evangelização mundial.

Há um problema duplo com esse chamado à unidade. A primeira é que nenhuma definição foi

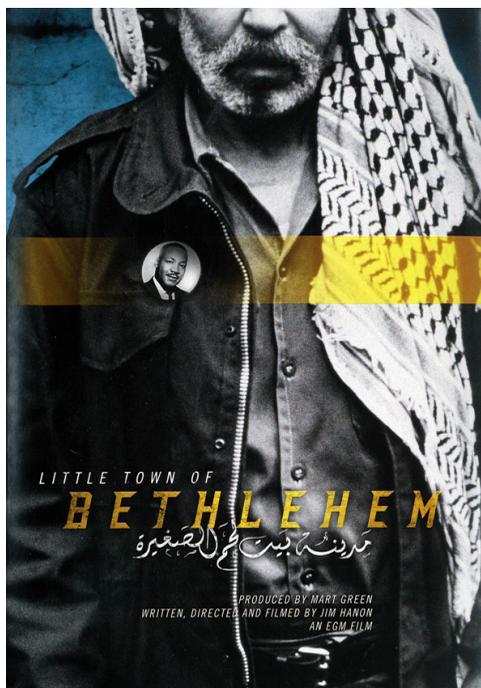
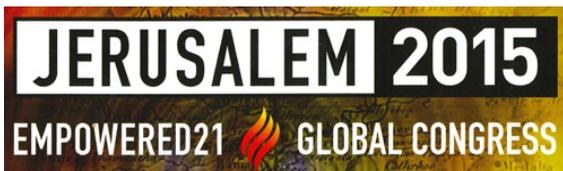


Foto publicitária para o filme de 2010 *Pequena Cidade de Belém*

dada por nenhum dos oradores sobre o que a liderança de Empowered21 quer dizer com o uso da palavra “unidade”. Como resultado, a probabilidade é que os participantes da conferência interpretaram este chamado de acordo com a definição de unidade do dicionário, que é “o estado de estar em total concordância”. Em outras palavras, unidade requer concordância.



os Empowered21 estão chamando os Evangélicos a se firmarem. Unidade com aqueles que promovem uma narrativa política que demoniza os Judeus e deslegitima o Estado Judeu.

O relacionamento da Empowered21 com os Cristãos Palestinos é demonstrado, em parte, pela inclusão de Jack Sara, presidente da Faculdade Bíblica de Belém, como um dos líderes da conferência em Jerusalém. Como presidente da Faculdade Bíblica de Belém, Sara não é apenas responsável pela promoção da teologia de substituição Palestina e propaganda anti-Israelita da faculdade, mas ele é responsável pela forma como esta escola atinge a audiência Evangélica Americana com sua mensagem.

Além disso, Jack Sara é responsável pela mensagem anti-Sionista promovida em Cristo nas Conferências Checkpoint, que são patrocinadas por ele.

Ele é responsável pelos vídeos produzidos por Cristo no Checkpoint, como o clipe promocional que iguala Israel ao ISIS. Seu envolvimento em Empowered21 sugere que um Cristão com essas crenças deve ser incluído entre aqueles com quem Empowered21 defende a unidade ou “o estado de estar em pleno acordo”.

**Esta ênfase na unidade em detrimento da verdade significa que Empowered21 poderia muito bem se tornar um veículo para a promoção internacional da narrativa anti-Sionista Cristã Palestina.**

Essa ênfase na unidade em detrimento da verdade—como evidenciam as relações entre líderes de Empowered21 e líderes Palestinos como Jack Sara—significa que o Empowered21 poderia muito bem se tornar um veículo para a promoção internacional da narrativa anti-Sionista Cristã Palestina. Isso representaria a mais extensa ameaça ao apoio Evangélico de Israel que já vimos, simplesmente por causa do alcance mundial dos Empowered21.

Em segundo lugar, na ausência de qualquer outra definição ou parâmetros para essa unidade, e à luz do apoio irrefletido e envolvimento dos líderes Cristãos Palestinos, como demonstrado em Jerusalém em Maio, parece que

**Parece que Empowered21 está chamando os Evangélicos para estarem unidos com aqueles que promovem uma política narrativa que demoniza os Judeus e deslegitima o Estado Judeu.**

Mas como os Evangélicos podem permanecer em união com aqueles que promovem uma agenda política construída sobre uma base de mentiras, história reescrita e teologia antijudaica? Como os Evangélicos, que afirmam acreditar no que a Bíblia diz, também afirmam estar em unidade com aqueles que reinventam Jesus como um Palestino, negam as raízes Judaicas do Cristianismo, e sustenta que os Cristãos e a Igreja substituíram os Judeus e Israel nos propósitos de Deus?

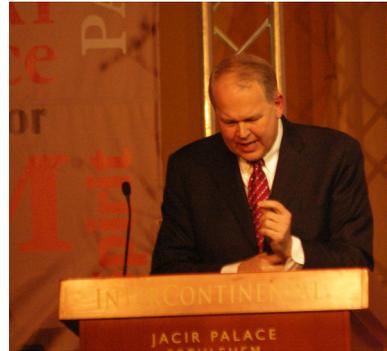


Jack Sara, Presidente, Faculdade Bíblica de Belém

## Conexões Entre os Três Desenvolvimentos

Neste ponto, eu quero fornecer mais alguns dados para ilustrar as conexões entre os três desenvolvimentos significativos no ataque ao apoio Evangélico de Israel desde 2010—nas Conferências Cristo no Checkpoint, a produção de *Pequena Cidade de Belém* e o movimento Empowered21.

O presidente da Empowered21 é o Dr. Billy Wilson. Wilson foi palestrante na Conferência Cristo no Checkpoint em Março de 2014, e Wilson é responsável pela inclusão de líderes Palestinos, como o presidente do Faculdade Bíblica de Belém em Empowered21. Wilson também é o presidente da Universidade Oral Roberts, uma universidade Cristã internacionalmente reconhecida em Tulsa, OK. Por causa disso, ORU agora desempenha um papel significativo no avanço do movimento de Empowered21.



Dr. Billy Wilson, presidente da ORU, falando em Cristo no Checkpoint.

**A preocupação com a relação entre a liderança de ORU, Empowered21, Faculdade Bíblica de Belém e Cristo no Checkpoint é ampliada como resultado da relação entre a fonte de financiamento para ORU, Empowered21, e o filme, *Pequena Cidade de Belém*.**

Com isso dito, quero deixar claro que, enquanto a relação entre Billy Wilson, Cristo no Checkpoint, e líderes como Jack Sara é motivo de preocupação, essa realidade não reflete a realidade de muitos professores que apoiam de todo o coração Israel e entendem a importância das relações Judaico-Cristãs. Antes da presidência de Billy Wilson, ou da existência de uma história exemplar de apoio a Israel, a evidência da posição histórica de Israel em relação a Israel é demonstrada pelo fato de que a grande maioria daqueles que ainda estão associados a ORU—professores e estudantes—Entendam a importância de ficar em pé com Israel.

No entanto, tenho de mencionar o ORU porque é essencial compreender a relação entre a liderança atual da universidade e a liderança do Faculdade Bíblica de Belém e de Cristo no Checkpoint, a fim de compreender o perigo representado pelos objetivos do Empowered21.

A preocupação com a relação entre a liderança de ORU, Empowered21, Faculdade Bíblica de Belém e Cristo no Checkpoint é ampliada como resultado da relação entre a fonte de financiamento para ORU, Empowered21, e o filme *Pequena Cidade de Belém*—aquele que promove a mesma propaganda anti-Israelense como Faculdade Bíblica de Belém e Cristo no Checkpoint. E há muito dinheiro envolvido.

Mart Green, o produtor de *Pequena Cidade de Belém*, foi presidente do Conselho de Curadores Oraís de 2008–2014. Desde 2008, o Green doou US \$250 milhões para a escola—um fato que não só lhe comprou a posição de presidente do conselho, mas que continua a lhe dar uma quantidade excessiva de influência e poder. Empowered21 foi idéia de Mart Green depois que ele se tornou presidente do conselho e com Empowered21 é apoiado e promovido pela universidade que Mart Green financiou. Essa é a razão pela qual agora desempenhamos um papel significativo no avanço do Empowered21.



Mart Green

Mart Green, é claro, é membro do conselho de Empowered21 e participou da conferência em Jerusalém, juntamente com Jack Sara e outros pastores pró-Palestinos.

Para resumir, em Empowered21, temos a combinação do dinheiro e da influência de Mart Green, sua óbvia simpatia pela narrativa Cristã Palestina, conforme demonstrado por sua produção da *Pequena Cidade de Belém*, e a relação de liderança Empowered21 para líderes Cristãos Palestinos como Jack Sara. Isto não augura nada de bom em termos da influência que esta organização pode ter no apoio Evangélico a Israel internacionalmente.

Para mais detalhes sobre minhas preocupações em relação aos efeitos potenciais do movimento de Empowered21 sobre o futuro do apoio Evangélico a Israel, por favor, veja três artigos que escrevi que podem ser encontrados nos apêndices deste livro.

Para encerrar, quero nos lembrar de algo que entendemos da história, ou seja, que tudo o que é necessário para que o mal prevaleça é que as pessoas boas permaneçam em silêncio. No livro bíblico de Ester, no contexto de um genocídio iminente dos Judeus, Mordecai desafiou Ester a não permanecer em silêncio diante do mal, mas a usar sua posição para mudar o curso da história. Ele também a advertiu que a inação da parte dela não asseguraria sua segurança, mesmo no palácio do rei.

Que todos nós atendamos a mensagem de Mordecai e sigamos o exemplo de Ester. Vamos todos continuar a falar e defender a verdade em relação a Israel. Que façamos tudo o que pudermos, onde pudermos, em um momento como este.

# O Novo Desafio da Igreja

## Dexter Van Zile

Dexter Van Zile é um Analista de Mídia Cristã da CAMERA. O seu trabalho centrou-se no fracasso do Conselho Mundial de Igrejas e outras instituições Cristãs para abordar abusos dos direitos humanos em países de maioria Muçulmana no Médio Oriente. ele também desempenhou um papel importante na exposição dos erros na narrativa Cristã Palestina e fez uma importante contribuição na batalha pela precisão em relação ao anti-Sionismo Cristão.



Até alguns anos atrás, seria impensável que precisássemos de uma conferência ou da publicação de um livro sobre o anti-Sionismo na comunidade Evangélica. Os Evangélicos têm sido alguns dos mais fervorosos apoiadores de Israel e, na maioria das vezes, esse ainda é o caso. Os dados das pesquisas indicam que os Evangélicos nos Estados Unidos são mais propensos do que os Judeus Americanos a acreditarem que Deus deu a terra de Israel para o povo Judeu. O apoio a Israel na comunidade Evangélica ainda é robusto, mas não deve ser considerado como garantido.

Até 2010, o ativismo anti-Israelense era um aspecto marginal da vida Evangélica nos EUA. Havia uma organização chamada “Evangélicos para a Compreensão do Oriente Médio” que culpou o conflito e o sofrimento que causou em Israel e seus seguidores Cristãos Sionistas nos Estados Unidos. Teve alguma tração, mas não muito.

Em 2005, houve uma conferência na North Park University sobre os males do Sionismo Cristão. A mensagem da conferência foi que os Cristãos Sionistas adotaram uma teologia perigosa do tempo do fim que levou as pessoas a ignorar o sofrimento do povo Palestino. Curiosamente, as mesmas pessoas que se preocupam com as crenças do fim dos tempos dos dispensacionalistas pré-milenistas disseram muito pouco sobre as crenças do fim dos tempos dos mulás no Irã. Mas você sabia disso.

A mensagem oferecida na conferência no North Park era uma mensagem bem simples que ressoava com Protestantes liberais ou principais e alguns Evangélicos, mas não conseguiu muita força no Evangelismo mainstream. Os membros principais, como muitas pessoas nos Estados Unidos, tinham desprezo pelos Evangélicos e usaram esse desprezo para retratar o apoio Evangélico a Israel como um movimento retrógrado.

O anti-Sionismo começou a ganhar força dentro da comunidade Evangélica em 2010. CAMERA levantou um tom e um grito sobre um número crescente de jovens Evangélicos descontentes abraçando o anti-Sionismo como uma forma de sinalizar aos seus amigos não-Evangélicos que eles eram modernos, espertos e legal, ao contrário de seus pais e avós.

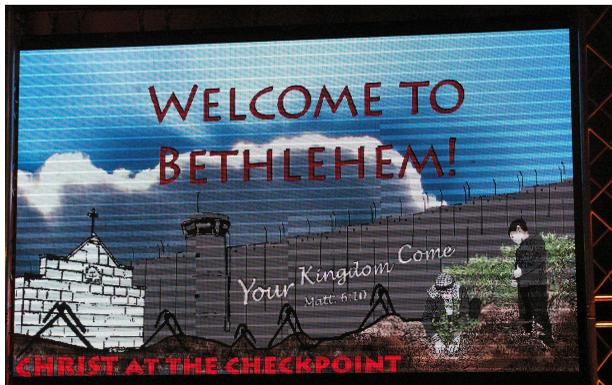
Há dois pilares principais do que alguns comentaristas chamam de Intifada Evangélica. Um dos pilares é a Conferência Cristo no Checkpoint, organizado por um grupo de Cristãos Palestinos associados ao Faculdade Bíblica de Belém, em Belém.

O motivo principal dessas conferências, que foram realizadas todos os anos pares, começando em 2010 em um hotel cinco estrelas em Belém, é exibido em uma faixa no palco atrás dos alto-falantes.

A bandeira mostra uma igreja e uma cruz em oposição a—e em julgamento—uma torre de vigia que fica no topo da barreira de segurança. A mensagem é que a barreira de segurança de Israel e a própria soberania Judaica são obstáculos aos propósitos de Deus para a Terra Santa.

Os palestrantes da conferência retratam o apoio Cristão a Israel como uma traição ao universalismo do Cristianismo. Por exemplo, o Dr. Manfred Kohl, um teólogo alemão, argumentou que o apoio Cristão ou o reconhecimento de reivindicações territoriais Judaicas eram uma traição ao Cristianismo e ao próprio Jesus.

“Para nós hoje, insistir em segurar algumas partes da antiga aliança significa não reconhecer Cristo em Sua totalidade”, disse ele. Esse tipo de argumentação coloca os Cristãos que apóiam Israel na defensiva porque os obriga a escolher entre o amor de Jesus Cristo e do povo Judeu.



A logo de 2016 para a Conferência Cristo no Checkpoint

Os palestrantes nessas conferências e outros como eles nos EUA também afirmam que o apoio Cristão para Israel dificulta os esforços para espalhar a fé Cristã em países de maioria Muçulmana no Oriente Médio. A lógica é que, porque os Muçulmanos consideram Israel com hostilidade, o apoio Evangélico a Israel coloca a fé Cristã sob uma luz ruim e, portanto, torna os Muçulmanos menos propensos a se converterem ao Cristianismo.

Dada a importância que a comunidade Evangélica dá à partilha da fé, esse argumento chega ao ponto de se ignorar a falta de liberdade religiosa nos países de maioria Muçulmana. Os oradores também culpam o apoio Cristão ao estado Judeu no Oriente Médio pela opressão dos Cristãos na região. Este é outro argumento eficaz porque os Evangélicos estão entre alguns dos mais proeminentes defensores das organizações que defendem os Cristãos perseguidos no Oriente Médio.

Alunos do Faculdade Wheaton participaram de conferências Conferência Cristo no Checkpoint. Eles participam sob a supervisão do Professor Gary Burge, um renomado escritor anti-Israelense que se mostrou habilidoso em recrutar estudantes para a causa do ativismo anti-Sionista.

Em 2012, alunos da escola picharam a mensagem “Colégio Wheaton, Por Cristo e sem Muros” na barreira de segurança em Belém, demonstrando que eles internalizou bem a mensagem de Cristo no logotipo da Checkpoint. Eles condenaram a muralha, mas não os ataques terroristas que motivaram sua construção.



Professor Gary Burge de Faculdade Wheaton liderando um grupo de estudantes na Conferência Cristo no Checkpoint 2016

Funcionários de alto escalão da Aliança Evangélica Mundial, a organização guarda-chuva para Evangélicos em todo o mundo, também participaram da conferência.

George Tunnicliffe, então secretário-geral da WEA, esteve na conferência de 2014, e o novo Secretário-Geral Bispo, Efraim Tendero, participará da próxima conferência que ocorrerá em Março deste ano.

A presença desses funcionários legitima a mensagem oferecida pela Conferência Cristo no Checkpoint.

O segundo pilar da Intifada Evangélica são dois filmes altamente propagandísticos exibidos a milhares de Evangélicos universitários em centenas de campos universitários nos Estados Unidos e na Europa. Um desses filmes foi *Com Deus ao nosso lado*, que foi lançado em 2010.

Este filme, produzido pelo apresentador Porter Speakman Jr., mostra as lutas de um jovem Cristão Evangélico enquanto ele lida com a contínua violência do conflito Árabe-Israelense. Ele começa como um defensor Cristão de Israel, mas no final ele abraçou uma narrativa que culpa Israel pelo conflito e minimiza o incitamento e o anti-semitismo na sociedade Palestina.



O protagonista do filme de 2010 *Com Deus ao nosso lado* lutando com sua consciência.

O filme fornece um modelo visual para jovens Evangélicos adotarem a narrativa anti-Israelense.

Aqui está uma captura de tela do jovem Evangélico falando em câmera sobre sua noite escura da alma. Você pode ver o vitral atrás dele. É um filme muito desonesto, mas, como propaganda visual, é muito eficaz.

em relação aos Judeus e Israel por causa dos crimes que o Estado Judeu cometeu contra o povo Palestino. Pedi ao apresentador Porter Speakman Jr. que pagou pela produção deste filme, mas ele nunca me deu os nomes das pessoas que financiaram isso.

O filme sugere que bons Cristãos podem ignorar a hostilidade Muçulmana e Árabe

Sabemos, no entanto, quem pagou por outro filme vulgar anti-Israelense, *Pequena Cidade de Belém*. Este filme, lançado em 2010, foi produzido por Mart Green, um herdeiro do Hobby Lobby fortune e fundador da Mardel, uma cadeia de livrarias Cristãs.

Este filme é simplesmente um dos exemplos mais feios da propaganda anti-Israelense que CAMERA viu. É considerado um documentário sobre a não-violência, mas é na verdade uma salva na guerra de propaganda contra o Estado Judeu e, em última análise, o povo Judeu como um todo.

Primeiro, alguns antecedentes sobre o filme. Foi escrito e dirigido por um ex-executivo de publicidade, Jim Hanon, que fez outros filmes para Mart Green, que foram vendidos através da loja e do site da Mardel.

Ao escrever o roteiro do filme, Jim Hanon passou muito tempo com a Holy Land Trust, uma organização de Belém liderada por Sami Awad, que vem de uma proeminente família de Cristãos Palestinos que criaram uma empresa familiar que demoniza Israel.

Hanon também visitou Hassan Nasrallah, o líder do Hezbollah, um homem que uma vez expressou o desejo de matar todos os Judeus do mundo—uma vez que eles se reuniram em Israel. “Apenas em nível pessoal, achei [Nasrallah] notável”, disse Hanon ao jornalista Evangélico Jim Fletcher.

Mart Green contratou um escritor que foi ferido por Hassan Nasrallah, o líder de uma das

**Mart Green contratou um escritor que foi ferido por Hassan Nasrallah, o líder de uma das organizações mais anti-Semitas do planeta para produzir um filme sobre o conflito Árabe-Israelense. Isso é simplesmente irresponsável.**

organizações mais anti-Semitas no planeta para produzir um filme sobre o conflito Árabe-Israelense. Isso é simplesmente irresponsável.

O filme, que a CAMERA obteve recentemente comprando-o através do site da Mardel, foi exibido em aproximadamente 400 locais, incluindo faculdades e igrejas Cristãs nos Estados Unidos e na Europa. Operando sob a suposição de que essas visualizações atraíram uma média de 50 participantes (uma estimativa baixa, com certeza), a CAMERA conclui que pelo menos 20.000 espectadores assistiram a esse filme. Esta é uma estimativa conservadora de apenas uma parte do público-alvo do filme, pois ela também foi vendida pela Amazon e, como indicado anteriormente, pelo site da Mardel.

Ele também foi usado em materiais de curso em faculdades e seminários, incluindo Notre Dame, Universidade de BIOLA e Seminário Teológico Palmer.

Para piorar, recebeu três prêmios de cinema e recebeu uma crítica positiva do *Christianity Today*.

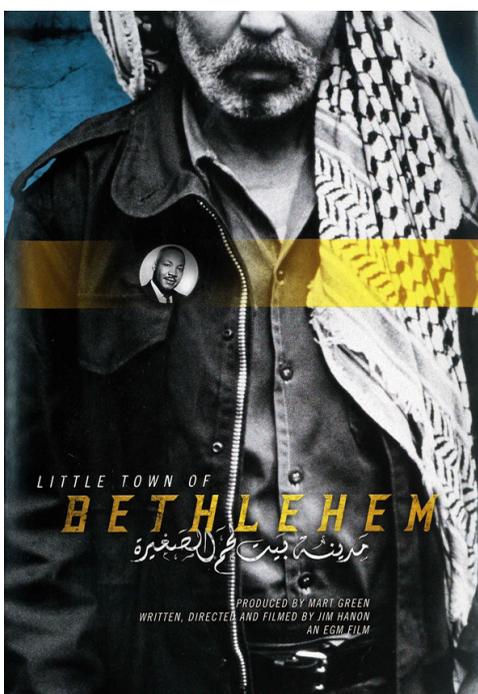


Foto publicitária para o filme de 2010  
*Pequena Cidade de Belém*

A ampla distribuição do filme e os aplausos recebidos são muito preocupantes, dada a maneira pela qual descaracterizou o conflito Árabe-Israelense e demonizou o Estado Judeu.

O filme, que ostensivamente conta a história do movimento de paz entre Israelenses e Palestinos através das vidas de um Judeu Israelense, um Cristão Palestino e um Muçulmano Palestino, está cheio de distorções de fatos, omissões materiais e distorções notórias. Por exemplo, o filme indica falsamente que os Judeus não foram vistos com hostilidade por seus vizinhos Árabes durante o Mandato Britânico. Os massacres periódicos de Judeus incitados por Haj Amin Al Hussein, o Grande Mufti de Jerusalém, provam que isso é falso.

O filme também diz aos espectadores que o desemprego aumentou durante o Processo de Paz de Oslo e que esse aumento foi um dos fatores que contribuíram para a crescente popularidade da organização terrorista, Hamas, antes da Segunda Intifada.

De fato, o desemprego na Faixa de Gaza e na Cisjordânia diminuiu durante o Oslo por causa do aumento das oportunidades de emprego em Israel.

Foram os atentados suicidas contra Hamas e as medidas de segurança que provocaram e causaram o aumento do desemprego Palestino em 1996. Uma vez que os bombardeios pararam, Israel relaxou as medidas de segurança, e a taxa de desemprego continuou a cair até o início da Segunda Intifada, quando voltou dramaticamente.

O filme entendeu tudo errado. A violência Palestina causou o desemprego Palestino, e não o contrário.

O filme também permite que um comentarista Palestino demonize os eleitores Israelenses por eleger Benjamin Netanyahu como Primeiro Ministro em 1996, afirmando que sua eleição provou que a maioria dos Israelenses “não queria a paz”. A fonte não menciona, no entanto, a pontuação dos Israelenses que foram mortos em ataques suicidas antes da eleição de Netanyahu. Foram esses atentados que ajudou Netanyahu a vencer a eleição. Qualquer documentário honesto reconheceria o papel que esses ataques desempenharam nas eleições de 1996. Até *Netanyahu at War*, recentemente transmitido pela Frontline, reconheceu essa realidade. Mas o filme de Mart Green não.

Eu poderia continuar e continuar. Há simplesmente demasiadas distorções de fatos e omissões para eu documentar durante o meu tempo neste pódio. Eu teria que estar aqui por algumas horas.

**O uso de tais encenações desqualifica *Pequena Cidade de Belém* como um documentário e revela que o filme é um peça manipuladora de propaganda direta.**

E mesmo se eu listasse todas as mentiras contadas em *Pequena Cidade de Belém*, eu ainda não conseguiria descrever a pior parte do que há de errado com esse filme.

O filme usa encenações propagandísticas para contar uma história de Judeus Israelenses estabelecendo uma vida para si mesmos à custa de inocentes Palestinos. Essas reencenações minimizam a hostilidade e a violência Palestinas contra Israelenses e Judeus, enquanto exageram o sofrimento Palestino nas mãos dos Israelenses. Emblemática deste

problema é uma reencenação que detalha a morte do avô de Sami Awad, Elias, durante a guerra de 1948.

A reencenação pode não ser uma descrição confiável do que aconteceu, porque a família Awad contou histórias conflitantes sobre como o Elias morreu. Sami conta uma história de Elias sendo morto enquanto colocava uma bandeira branca em cima de sua casa, mas Alex Awad não diz nada sobre uma bandeira branca em sua versão da história que ele conta em sua história familiar. Apesar das contradições, Hanon recria a versão não confiável de Sami, uma versão altamente propagandística do que aconteceu, em detalhes horripilantes, em filme por perpetuidade.

Mas o fato de a história não ser verdadeira é quase irrelevante. Da perspectiva de CAMERA, o uso de tais encenações desqualifica *Pequena Cidade de Belém* como um documentário e revela que o filme é uma peça manipuladora de propaganda direta, especialmente porque não há reconstituições destacando o impacto da violência Palestina contra Israelenses.

O filme mostra breves flashes de imagens históricas que destacam atos de violência contra Israelenses, mas eles são sem contexto. Por exemplo, o filme fornece um breve reconhecimento visual do massacre de atletas Israelenses nas Olimpíadas de 1972 em Munique, mas este segmento instável e incoerente conclui com uma declaração de Sami dizendo que tais ataques não deveriam ser usados para estereotipar todos os Palestinos como terroristas.

A resposta de Awad ignora um ponto importante: o massacre de Munique foi perpetrado sob ordens de Yassir Arafat, que obteve o poder como resultado dos Acordos de Oslo. O próprio Awad não conseguiu condenar os massacres, mas apenas afirmou que eles não deveriam ser perdoados nem elogiados.

Essa não é a condenação que um verdadeiro pacificador ofereceria.

## **Simplesmente não há comparação entre a causa da OLP, que perpetróu o Massacre de Munique, e o movimento pelos Direitos Civis liderado por Martin Luther King.**

Isso me leva a mencionar como o filme postula uma falsa equivalência entre a causa Palestina e o movimento Americano de direitos civis liderado por Martin Luther King Jr. No filme, Sami Awad conta aos telespectadores que "A Primeira Intifada é muito parecida com o movimento pelos Direitos Civis nos EUA."

Os espectadores são mostrados filmagens dos manifestantes sendo atacados pela polícia de Bull Connor justapostos com imagens de Palestinos lutando com soldados Israelenses como se houvesse uma equivalência entre os dois.

Simplesmente não há comparação entre a causa da OLP, que perpetróu o massacre de Munique, e o movimento pelos direitos civis liderado por Martin Luther King. No entanto, a luta pelos direitos civis não foi associada a pedidos explícitos de genocídio ou à destruição da república Americana, mas foi marcada pelo apelo de Martin Luther King para que os Afro-Americanos recebessem os direitos dados por Deus descritos na Constituição dos EUA.



O diretor Jim Hanon invoca desonestamente a imagem de Martin Luther King, Jr. em seu filme, *Pequena Cidade de Belém*.

Em outra parte do filme, Sami Awad iguala a demanda de líderes Afro-Americanos nos EUA pela igualdade e liberdade com a demanda de reconhecimento pelo país. Isso também é simplesmente escandaloso. O PLO é um conglomerado de organizações terroristas que regularmente pedem a destruição de Israel e promoveram o pior tipo de ódio aos Judeus na sociedade Palestina. Há simplesmente nenhuma comparação entre a causa do PLO, que perpetróu o Massacre de Munique, e o movimento dos Direitos Civis liderado por Martin Luther King.

MLK condenaria os líderes Palestinos que regularmente pedem a destruição de Israel e promovem o ódio aos Judeus, mas este filme, ostensivamente dedicado a promover a visão do Dr. King, não faz referência ao incitamento na sociedade Palestiniiana.

A MLK afirmou regularmente o direito de Israel de existir e necessidade de segurança, dizendo à convenção nacional da Assembléia Rabínica em 1968 que "a paz para Israel significa segurança, e que a segurança deve ser uma realidade".

## **Pedido de Desculpas**

O viés do filme é tão forte que algo mais do que negligência ou ignorância por parte do escritor e diretor do filme, Jim Hanon, está em jogo. A *Pequena Cidade de Belém* exibe uma tendência hostil contra o Estado Judeu e uma inegável tentativa de propagandear contra Israel e seus partidários nos Estados Unidos.

As pessoas que assistem a este filme e acreditam no que ele diz consideram Israel como uma nação monstruosa e aqueles que o reivindicam como sua terra natal como monstros também. Dada a crescente onda de anti-semitismo—o que foi um problema bem antes do lançamento deste filme—a decisão da Green de produzir e distribuir este filme foi um ato fundamentalmente irresponsável.

**Mart Green ainda não se demovou publicamente do vídeo, que ainda pode ser comprado na Amazon e ainda é promovido no Facebook.**

Enquanto CAMERA foi informado por uma série de fontes de que o Mart Green não suporta mais a mensagem oferecida pela *Pequena Cidade de Belém*, ele ainda não se publicou publicamente sobre o vídeo, que ainda pode ser comprado na Amazon e ainda é promovido no Facebook. Isso é indesculpável.

Quando olhamos para o que está acontecendo na Europa, onde os Judeus são regularmente atacados e, em alguns casos, mortos porque são Judeus, devemos lembrar que o virulento anti-Sionismo—como o que vemos em *Pequena Cidade de Belém*—ajudou a preparar o caminho para essa hostilidade. Dado o que está em jogo, Mart Green precisa fazer mais do que admitir que havia sérios problemas com o filme.

Ele precisa se desculpar publicamente e embarcar em uma campanha para corrigir o registro.

Para ser eficaz, essa campanha exigiria a publicação e distribuição de um informativo que seria enviado a todos os consumidores que compraram o filme em lojas on-line.

Esta folha, que deve ser enviada às autoridades nos 400 locais onde o filme foi exibido, incluiria uma lista dos problemas com o filme e a realidade como deveria ter sido apresentada no filme.

A campanha também incluiria a preparação e distribuição de um comunicado de imprensa, chamando a atenção para seus esforços para corrigir o registro. Esta versão precisa ser enviada para meios de comunicação relevantes, incluindo o *Christianity Today*, que deu ao filme uma crítica positiva.

## Conclusão

Em conclusão, quero chamar a atenção para as agressões sexuais contra mulheres que ocorreram na Europa na véspera de Ano Novo. Estas foram perpetradas por radicais Muçulmanos que não respeitam os valores Ocidentais de igualdade e dignidade para as mulheres. Existem inúmeros relatos de um esforço conjunto para manter a história desses ataques fora da mídia.

O que esses ataques têm a ver com o anti-Sionismo?

Em uma palavra, tudo. A incapacidade das elites Europeias de responder adequadamente a esses ataques é o resultado do fracasso moral e intelectual que começou com o abraço do anti-Sionismo na Europa nos anos 70.

Ativistas anti-Sionistas treinaram os seus vizinhos a fecharem os olhos para a incitação, a hostilidade e a violência anti-Israelenses que tinham sido um problema no Oriente Médio por décadas.

**Os problemas que afligiram o Oriente Médio por tanto tempo, a hostilidade contra os Judeus, a falta de respeito pelos direitos humanos, a hostilidade contra a liberdade religiosa e o desprezo pelas mulheres estão agora a caminho do Ocidente através da Internet e da imigração.**

Como jornalistas, intelectuais, líderes religiosos e políticos perderam a sensibilidade a essa violência, eles perderam a capacidade de identificar e falar contra a ideologia do Islamismo que motivou os ataques na véspera de Ano Novo.

Tudo isso é testemunho da importância do trabalho da CAMERA. No mundo globalizado em que vivemos, os problemas que afligiram o Oriente Médio por tanto tempo—a hostilidade contra os

Judeus, a falta de respeito pelos direitos humanos, a hostilidade contra a liberdade religiosa e o desprezo pelas mulheres—estão agora se encaminhando para o Ocidente através da Internet e da imigração.

Os esforços ocidentais para formular uma resposta a esses problemas foram prejudicados pelos jornalistas, intelectuais e líderes religiosos com quem contamos para nos informar sobre esses problemas no Oriente Médio. Em vez de nos contar a verdade sobre Islamismo e Jihadismo e seu impacto na vida no Oriente Médio, jornalistas Ocidentais, ativistas de direitos humanos e líderes religiosos nos encorajaram a ver Israel como o problema, em vez do modelo na região.

Eis como penso que Martin Niemoller caracterizaria os acontecimentos dos últimos anos na Europa:

Primeiro eles atacaram Israel, mas eu não morava em Israel e achei que Israel merecia, então eu não falei nada.

Então eles atacaram os Judeus na Europa, mas eu não era Judeu, então eu não falei nada.

Então eles atacaram Cristãos e Yezidis no Iraque e na Síria, mas eu não vivi no Iraque e na Síria, então eu não falei nada.

Então eles agrediram nossas esposas, irmãs e filhas na Europa, mas então eu perdi minha voz.

Nestes dias em que vivemos, quando os fundamentos de nossa ordem moral e intelectual estão sob ataque, minha mensagem para você é simples.

Não perca sua voz.

Seja forte.

Tenha coragem no seu coração

e não deixe seu pé ser movido.

# Por que os Cristãos Deveriam ser Sionistas?

**Rev. Gerald R. McDermott, Ph.D.**

Rev. Dr. Gerald McDermott é um padre Anglicano e serve como a Cadeira Anglicana de Divindade na Beeson Divinity School da Samford University em Birmingham. Um autor prolífico, ele escreveu, co-escreveu e editou mais de dezessete livros e dezenas de artigos, muitos dos quais abordam o tema do Sionismo Cristão. Sua obra mais recente, *O Novo Sionismo Cristão: Novas Perspectivas sobre Israel e a Terra* é a primeira recomendação acadêmica de uma teologia do Sionismo.



O tema central da Bíblia é o pacto. Nem todos os Cristãos colocariam dessa forma, mas todos os que estudam a Bíblia concordariam que o enredo central começa com Deus escolhendo um casal idoso e sem filhos no atual Iraque e declarando a eles que Deus os usaria de tal forma que eles e seus descendentes trariam bênçãos para o resto do mundo.

Jesus e seus seguidores afirmaram ser filhos daquele casal e receptores daquela bênção. Apesar dos repetidos fracassos entre todos esses descendentes (exceto o próprio Jesus), o Deus da Bíblia continua insistindo que a promessa permanece. Deus seria fiel à promessa, não importa o que o seu povo faça e ele continuaria trabalhando com seu povo, usando-os como seus parceiros na redenção do mundo, mesmo enquanto eles continuavam quebrando os termos do acordo que eles fizeram com Ele mesmo.

A palavra bíblica para este acordo é "aliança". Do lado de Deus, era uma promessa unilateral de bênção. Ele veio a Abraão e Sara e lhes disse que ele seria seu Deus, e eles e seus descendentes seriam seu povo. Havia outros convênios feitos com Noé, Moisés e Davi, mas todos eles dependiam da aliança básica feita com Abraão e sua esposa. Jesus fala do "sangue da aliança" (Mt 26:28; Mc 14,24), e Paulo sugere que os "convênios da promessa" remontam a "uma aliança" que "Deus concedeu a Abraão através da promessa" (Ef 2:12; Gal 3: 17-18).

**Deus usa o particular  
(uma pessoa ou  
pessoas em particular)  
para trazer bênçãos  
universais (o mundo).**

Algumas das outras alianças eram condicionais, mas essa base do pacto de Abraão era incondicional. Por exemplo, o Deus da aliança Mosaica feito com os filhos Judeus de Abraão prometeu bênçãos em troca de obediência a seus termos e punições para a desobediência (Deuteronômio 28). Uma das bênçãos, como veremos, era o controle da terra, e o exílio da terra era uma das punições.

## Alcançando o Universal através do Particular

Muitos Cristãos se perguntam por que Deus gasta tanto tempo com a história de Israel no Antigo Testamento, e por que isso compõe três quartos da Bíblia Cristã. E o resto do mundo? O Novo Testamento contém uma missão às nações na Grande Comissão. Mas há algo assim no Primeiro Testamento, além dos onze primeiros capítulos de Gênesis que descrevem a criação e as primeiras civilizações? Por que tanto espaço é dedicado à história de Abraão e sua família, quando eles eram uma parte tão pequena do mundo?

Um dos meus momentos de grande descoberta foi o dia em que comecei a ver que havia um padrão para a história bíblica em ambos os Testamentos. O padrão se move do particular para o universal, ou seja, Deus usa o particular (uma pessoa ou pessoas em particular) para trazer bênção ao universal (o mundo). No Antigo Testamento, Deus usa um homem em particular

(Abraão) e seu povo (os Judeus) para trazer bênçãos para seus vizinhos e através desses vizinhos para o mundo (o universal). O padrão é o mesmo no Novo Testamento. Deus usa um homem em particular (Jesus) e seu povo (Corpo de Jesus, a Igreja) para trazer bênçãos ao mundo.

Os “momentos de descoberta” continuaram aumentando a medida eu vi esse padrão no Antigo Testamento. Começa em Gênesis 12, onde Deus chama Abraão para ir a “uma terra que eu vou te mostrar”. De lá, Deus prometeu fazer dele “uma grande nação”, e que através dele “*Todas as famílias da terra* [seriam] abençoadas”. (vv 1–3).

**Deus está em missão para redimir o mundo (o universal) através de Israel (o particular). Não é uma questão nem do particular nem do universal, mas do universal através do particular.**

Esta promessa é repetida mais quatro vezes no livro de Gênesis. Pouco antes da destruição de Sodoma e Gomorra, Deus declara: “Abraão se tornará uma grande e poderosa nação, e *todas as nações da terra* serão abençoadas através dele” (18:18). Logo depois, Abraão mostrou que ele estava disposto a sacrificar seu amado filho Isaac, o anjo do Senhor lhe diz: “Por vossa descendência, *todas as nações da terra* serão abençoadas por si ti” (22:18).

Anos depois, a fome atacou e o filho de Abraão, Isaac, se refugiou com um rei Filisteu. Deus prometeu Isaac que ele lhe daria “todas estas terras, e *todas as nações da terra* receberão bênçãos para si através da sua descendência” (26: 4). Quando o filho de Isaac, Jacó, teve o sonho de uma escada que chegava ao céu, Deus lhe disse: “Você deve se espalhar para o oeste e para o leste, para o norte e para o sul; e *todas as famílias da terra* serão abençoadas por você e pela sua descendência ” (28:14).

Em toda a Bíblia Hebraica, há oscilação entre o particular e o universal, mas o mesmo padrão é recorrente—Deus está em missão para redimir o mundo (o universal) através de Israel (o particular). Não é uma questão nem do particular nem do universal, mas do universal através do particular.

Por exemplo, Moisés disse ao Faraó que Deus estava enviando as pragas para “fazer meu nome ressoar por *toda a terra*” (ex 9,16). O Senhor disse a Moisés que ele estabeleceria Israel como povo santo, porque então “*todos os povos da terra* verão que és chamado pelo nome do Senhor” (Deuteronômio 28:10). Josué disse a Israel que Deus secou as águas do Jordão “para que *todos os povos da terra* saibam que a mão do Senhor é poderosa” (Js 4:24).

Davi disse a Golias que ele o feriria “para que *toda a terra* saiba que há um Deus em Israel” (1 Sam 17:46). Salomão orou para que o Senhor ouvisse as orações dos estrangeiros “para que *todos os povos da terra* conheçam o seu nome e temam ao Senhor, assim como o seu povo de Israel” (1 Reis 8:43). Os salmistas oram para que “*todas as extremidades da terra* se lembrem e se voltem para o Senhor (22:27),” para que o seu caminho seja conhecido



O sonho de Jacó de uma escada rumo ao céu

na terra, seu poder salvador *entre todas as nações*” (67: 2), e que “*todas as nações* serão abençoadas no [rei de Israel] ”(72:17).<sup>1</sup>

Isaías previu um dia em que os inimigos de Israel, Egito e Assíria (representando todas as nações), compartilharam as bênçãos de Israel (19: 24–25). Jeremias previu o dia em que “as nações” ouviriam tudo o que Deus fez de bom por Jerusalém e depois “temeriam e tremeriam” (33: 9). Em Isaías, Deus diz ao servo Judeu do Senhor: “É muito pouco que você seja meu servo para levantar as tribos de Jacó e restaurar os sobreviventes de Israel; Eu vos darei como luz para as nações, para que a minha salvação atinja os confins da terra ”(Is 49: 6).

Você vê o padrão? O propósito da aliança com Abraão e sua descendência era abençoá-los para que eles, por sua vez, trouxessem bênçãos ao mundo. Deus fez grandes coisas para Israel a fim de educar as nações. Israel conheceu a Deus para que por sua vez as nações poderiam conhecer o Deus de Israel. Daí o pacto de eleição não era simplesmente soteriológico (para abençoar e salvar Israel), mas também missional (para trazer bênçãos para as nações).<sup>2</sup>

Este foi o padrão que Eu passei a ver. Respondeu a minha pergunta de porque a história de um povo minúsculo compôs a maior parte da Bíblia. Era tudo sobre a maneira de Deus salvar o mundo—levantando um pouco de pessoas que seriam uma luz para as nações. Eu sabia do Novo Testamento que essa era a história de Jesus e da Igreja e me ocorreu sobre esse tempo que Jesus chamava sua própria igreja de “pequeno rebanho” (Lc 12,32). Eu estava começando a entender: o Novo Testamento continuava uma história que começara há muito tempo.

## Aliança e Terra

Depois houve um segundo passo nesta pesquisa. O primeiro foi ver que Israel era fundamental para a história da salvação do mundo. Deus estava levantando Israel como uma luz, e então o Israelita perfeito, Jesus, como o prisma através do qual aquela luz seria levada pela Igreja para o mundo.

**Eu me deparei com um fato que ninguém nunca havia apontado para mim: o grande número de referências à terra no Antigo Testamento. Foi impressionante.**

O segundo passo foi ver algo mais que Eu nunca tinha sido treinado para ver. Essa era a centralidade da terra para a aliança. Para mim e para a maioria dos Cristãos, a terra era um ap arte, um não essencial, talvez até um particular desnecessário. Talvez, pensei, fosse apenas mais uma peça da bagagem cultural no Antigo Testamento, como as leis alimentares, que são irrelevantes para os Cristãos Gentios.

Mas então me deparei com um fato que ninguém jamais havia apontado para mim: o grande número de referências à terra no Antigo Testamento. Foi esmagadora. Como o grande erudito bíblico Gerhard Von Rad colocou, “De todas as promessas feitas aos patriarcas foi a da terra que foi a mais proeminente e decisiva”.<sup>3</sup>

De acordo com um estudioso, a terra é o quarto substantivo mais freqüente na Bíblia Hebraica. Ele observa que é mais dominante estatisticamente do que a idéia de aliança.<sup>4</sup> Pela minha conta, a terra (*eretz*) de Israel é declarada ou implícita mais de mil vezes no Antigo Testamento.

1 Para mais deste tema nos Salmos, veja Ps. 86,9 e 145,12.

2 Christopher J. H. Wright, *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative* (Downers Grove: IVP academic, 2006).

3 Gerhard von Rad, *The Problem of the Hexateuch and Other Essays* (London: Oliver and Boys, 1966), p. 79.

4 Elmer A. Martens, *God's Design: A Focus on Old Testament Theology* (Grand Rapids: Baker, 1981), 97–98.

**Quando o Deus bíblico chama um povo para si mesmo, ele o faz de maneira terrena, tornando o dom de uma determinada terra um aspecto integral desse chamado.**

Das 250 vezes que a aliança (*b'rit*) é mencionada, em 70% dessas instâncias (177 vezes) a aliança está direta ou indiretamente ligada à terra de Israel. Das 74 vezes que o *b'rit* aparece na Torá (o Pentateuco), 73% dessas vezes (54) incluem o dom da terra, seja explícita ou implicitamente.

Em outras palavras, quando o Deus bíblico chama um povo para si mesmo, ele o faz de maneira terrena, tornando o dom de uma determinada terra um aspecto integral desse chamado.

Livro	Aliança + Terra Explícita (Ambas as Palavras)	A + T Total Explícito	A + T Implícito (Terra Usada, Aliança Implícita)	Aliança Somente (Aliança de Deus com Israel)	Aliança Somente (Total)
Gênesis	5	6	70	13	17
Exodo	3	5	105	7	8
Levítico	3	3	45	4	4
Números	0	0	98	3	5
Deuteronômio	3	3	129	13	23
<b>Torá</b>	<b>14</b>	<b>17</b>	<b>447</b>	<b>40</b>	<b>57</b>
Josué	3	4	64	14	15
Juízes	2	2	14	1	2
Rute	0	0	0	0	0
1 Samuel	1	1	2	0	6
2 Samuel	0	1	9	1	2
1 Reis	2	2	19	3	8
2 Reis	0	0	28	9	10
1 Crônicas	0	0	12	6	11
2 Crônicas	1	1	29	6	14
Ezra	0	0	8	0	1
Neemias	1	1	13	2	2
Ester	0	0	0	0	0
Jó	0	0	0	0	2
Salmos	2	2	67	18	19
Provérbios	0	0	15	0	1
Eclesiastes	0	0	0	0	0
Cânticos de Solomão	0	0	0	0	0
<b>Outro</b>	<b>12</b>	<b>14</b>	<b>280</b>	<b>60</b>	<b>93</b>

Livro	Aliança + Terra Explícita (Ambas as Palavras)	A + T Total Explícito	A + T Implícito (Terra Usada, Aliança Implícita)	Aliança Somente (Aliança de Deus com Israel)	Aliança Somente (Total)
Isaías	2	2	74	7	10
Jeremias	4	4	104	11	17
Lamentações	0	0	0	0	0
Ezequiel	2	3	56	11	13
Daniel	1	1	4	3	5
Oseias	1	1	8	2	4
Joel	0	0	5	0	0
Amós	0	0	6	1	1
Obadias	0	0	0	0	0
Jonas	0	0	0	0	0
Miquéias	0	0	4	0	0
Naum	0	0	0	0	0
Habaque	0	0	2	0	0
Sofonias	0	0	2	0	0
Ageu	0	0	0	0	0
Zacarias	0	0	13	1	2
Malaquias	0	0	0	5	6
<b>Profetas</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>278</b>	<b>41</b>	<b>58</b>
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>42</b>	<b>1005</b>	<b>141</b>	<b>208</b>

Tabelas compostas por Benjamin Cowgill

De acordo com o *Dicionário de Imagens Bíblicas*, "Ao lado do próprio Deus, o anseio pela terra domina todos os outros [no Antigo Testamento]." A Terra é apresentada pela Torá como um lugar de teste espiritual, e sua poluição pelo pecado e conseqüentes exílios de Israel são retratados como análogos à queda da graça na humanidade e conseqüente expulsão. Adão, formado a partir da terra, não conseguiu protegê-lo e, portanto, permitiu que a serpente (mal) o acessasse. A terra também representa a condição humana: "Bom em princípio, a terra é amaldiçoada como resultado do pecado da humanidade, e as pessoas são alienadas e também unidas a ela".<sup>5</sup>

## Posse é Condicional

É essa nota de alienação possível que às vezes é perdida em ambos os tratamentos acadêmicos e não acadêmicos do Sionismo bíblico. Os cinco primeiros livros da Bíblia especificam que a promessa de aliança da terra não *garante* a posse da terra, mas que o controle da terra depende de condições morais e religiosas.

5 *Dictionary of Biblical Imagery*, eds. Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (Downers Grove: InterVarsity Press, 1998), 487–88.

Jack Schechter mostrou em seu estudo do Deuteronômio—que provavelmente foi escrito enquanto os Judeus estavam *re*-possuindo a terra após o exílio da terra—que a posse continuada da terra dependia da fidelidade de Israel ao pacto. Como Deuteronômio 19: 8–9 diz: o Senhor “dá a você toda a terra que ele prometeu dar a vossos pais—contanto que você seja *cuidadoso em guardar todo este mandamento*” [ênfase adicional na tradução de Schechter]<sup>6</sup>

Assim, o Primeiro Testamento nunca garantiu a posse eterna da terra. Tornava a posse condicionada à fidelidade a Deus.

## Mantendo o Título Mesmo Quando Sob Disciplina

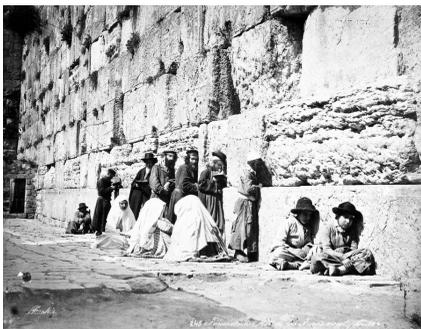
Mas se a posse da terra nunca foi garantida, o *título* da terra era. Os profetas escreveram que mesmo durante os tempos em que a desobediência de Israel fazia com que a terra fosse perdida, ainda era deles. Enquanto no exílio, Jeremias escreveu que Deus estava prometendo “trazê-los [o povo de Israel] de volta à *sua terra que dei aos seus antepassados*” (Jeremias 16:15; 12: 14–17).

Deus disse a Ezequiel que ele havia expulsado o povo de Israel de “*seu próprio solo*”, porque “o contaminaram com seus caminhos e feitos; sua conduta aos meus olhos era como a impureza de uma mulher em seu período menstrual”. Foi por isso que ele “os espalhou entre as nações”.

Momento em que “Eu te tirei das nações e te congregarei de todos os países, e te trarei para a *tua terra*” (Ez 36: 17–19, 24). Um estudioso resume esta dinâmica da seguinte forma:

Israel poderia e de fato perdeu a terra, por causa da falta de sua parte para viver na terra em lealdade a Yahweh. No entanto, a terra era inalienável no sentido de que não poderia ser retirada à força de Israel. Israel, no entanto, por desobediência, perdeu a terra. Os profetas do exílio recuaram no direito inalienável de Israel à terra e anunciaram o retorno do exílio à terra, pois, diziam eles, era por direito deles ainda.<sup>7</sup>

A razão pela qual o título poderia ser para sempre quando a posse em si não era é porque havia diferentes alianças que dependiam da aliança central de Abraão. Como Eu mencionei no início, o pacto de Abraão era a aliança básica ao qual Jesus e Paulo se referem. Foi incondicional.



Judeus Orando no Muro Oeste na década de 1870

Deus disse a Israel que ele seria sempre seu Deus e que ele estava dando a eles uma terra para ser deles para sempre.

No entanto, a aliança Mosaica estipulava que o *desfrute* da terra e outras bênçãos estavam condicionadas à obediência de Israel. É por isso que o Deus da aliança feito com Abraão estava cheio de promessas de “Eu vou”, mas a aliança com Moisés estava cheia de exigências de “você deve”. A promessa de Abraão era esse Deus *dar* a sua família uma terra para sempre.

6 Jack Schechter, *The Land of Israel: It's Theological Dimensions* (Lanham: University Press of America, 2010).  
7 Elmer Martins, *God's Design: A Focus on Old Testament Theology* (Grand Rapids: Baker, 1981), 106.

Mas a promessa a Moisés era que a família de Abraão *deve* obedecer aos mandamentos de Deus se ela quiser permanecer na terra.

A aliança Abraâmica era incondicional, enquanto a aliança Mosaica era condicional. O dom de Deus de uma terra para a descendência de Abraão era para sempre, mesmo que o gozo deles fosse restrito a certos períodos da história.

## As novas promessas anulam as antigas?

Muitos Cristãos se perguntam, no entanto, por que isso importa se Deus não se importa mais com isso. Em outras palavras, se Deus fez novas promessas sobre um mundo inteiro, como as promessas relativas à terra de Israel ainda podem ser mantidas? Afinal de contas, os profetas não previram que o reinado do messias de Israel seria sobre o mundo inteiro?

De fato, alguns Cristãos fizeram esse mesmo argumento. Eles assumiram isso porque Isaías, por exemplo, predisse que Deus usaria o servo do Senhor para trazer “salvação para toda a terra”, e que os reis se “prostrariam” antes do messias (49: 6–7), esse Deus na era messiânica não se preocuparia mais com a terra de Israel. De acordo com o supercessionismo (a visão de que a Igreja substituiu Israel), essas novas promessas sobre o mundo inteiro anularam as velhas promessas sobre o pequeno país de Israel.

**Deus  
é perfeitamente  
capaz de honrar  
ambos os  
conjuntos de  
promessas.**

No entanto, não há razão para que novas promessas tenham que se sobrepor às antigas. Os profetas não assumem isso. Eles expandiram a herança prometida do povo de Deus além dos limites definíveis de Canaã para incluir o mundo, mas mantiveram a expectativa de que Israel retornaria à terra da Palestina.

Em outras palavras, nos escritos dos profetas encontramos novas promessas para o messias e seu reinado mundial, mas essas novas promessas não se sobrepõem às promessas anteriores de uma determinada terra para um povo em particular. “A expansão [da promessa] não é sinônimo de revogação.”<sup>8</sup> Assim como Abraão era para ser o pai de Israel e muitas nações, Israel também voltaria para sua própria terra e o resto do povo de Deus viveria em um mundo inteiro.

Deus é perfeitamente capaz de honrar ambos os conjuntos de promessas. Afinal, isso está de acordo com seu padrão de alcançar o universal através do particular. Deus sempre quis trazer salvação para o mundo inteiro, e sempre usou pessoas específicas e um povo em particular (Israel) para fazer isso. Para ele, fazer promessas sobre o mundo inteiro era simplesmente sua maneira de mostrar *como* ele usaria Israel—que, como lemos no Novo ou no Segundo Testamento, é corporificado pelo Israelita perfeito.

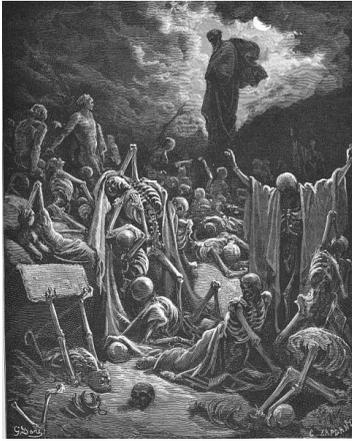
## Promessa de Retorno

Os profetas, como vimos, escreveram principalmente do exílio e profetizaram que um dia Judeus de todo o mundo retornariam à terra. Isaías, por exemplo, previu no início do século VII AC que, em algum dia futuro, Deus “ajuntará o banido de Israel e ajuntará os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra” (11.12).

Cerca de um século depois, Jeremias escreveu que “os dias estão chegando”, quando se dirá que o Senhor “tirou [o povo de Israel] de todos os países onde ele os havia conduzido”...

---

8 McComiskey, 205.



Visão de Ezequiel do Vale dos Ossos Secos

de volta à sua própria terra que ele deu a seus pais... Lá eles habitarão em sua própria terra” (16.14–15; 23.8).

No início do sexto século AC, Ezequiel repetidamente profetizou a reunião de todos os Israelitas dispersos de volta à terra. Sua famosa visão dos ossos secos é uma profecia explícita de retorno à terra. Como diz em Ezequiel 37: “porei o meu espírito dentro de ti e viverás, e eu te colocarei no teu próprio solo”.

Dois capítulos depois, há uma descrição de um retorno que será uma restauração. Os exilados nesse ponto serão prósperos e seguros, sem medo. “Eu restaurarei as fortunas de Jacó... Esquecer-se-ão da sua vergonha e de toda a traição que praticaram contra mim, quando viverem confiantemente na sua terra, sem ninguém para os assustar” (Ez 39: 25–26).

Mais tarde naquele século, Zacarias entregou a promessa de Deus de que “embora eu os tenha espalhado entre as nações, ainda assim em países distantes eles se lembrarão de mim e de seus filhos viverão e retornarão” (Zacarias 10: 9). Promessas semelhantes são feitas através dos profetas ao longo de diferentes períodos da história posterior de Israel—após o primeiro exílio para a Assíria, durante e após o segundo exílio na Babilônia, e após o retorno dos exilados sob Ezra e Neemias.

Alguns estudiosos sugeriram que essas profecias de retorno foram cumpridas quando alguns exilados Babilônicos voltaram a reconstruir Jerusalém no final do século VI AC. Mas há um problema com essa interpretação, que é que Jesus e os apóstolos ainda estavam esperando um retorno futuro. Eles parecem ter acreditado que uma nova restauração ainda está no futuro.

## Sionismo no Novo Testamento

Quando Jesus cita a predição de Isaías de que o Templo se tornaria “uma casa de oração para todas as nações” (Marcos 11.17; is. 56.1), ele parece concordar com a visão de Isaías de “uma Jerusalém escatologicamente restaurada” onde estrangeiros viriam para a montanha santa de Deus para se juntar aos “párias de Israel” a quem Deus “ajuntou” (É 56.7–8).<sup>9</sup>

Hays acrescenta que a leitura figurativa de João do corpo de Jesus como o novo templo (João 2.21) “não deve ser lido nem como supersessionista nem como hostil à continuidade com Israel.”<sup>10</sup> Não nega o sentido literal das Escrituras de Israel—que o Templo era a casa de Deus—“mas o completa relacionando tipologicamente com a narrativa de Jesus e revelando uma verdade prefigurativa mais profunda dentro do sentido histórico literal.”<sup>11</sup>

Em Mateus 19, Jesus diz a seus discípulos que “no novo mundo, quando o Filho do Homem se assentar no seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se sentarão em doze tronos, julgando as doze tribos

**Estas referências repetidas às doze tribos implicam a restauração de Israel, particularmente em Jerusalém.**

9 Richard Hays, *Reading Backwards: Figural Christology and the Fourfold Gospel Witness* (Waco: Baylor University Press, 2014), 6–7.  
10 *Ibid.*, 102.  
11 *Ibid.*

de Israel" (v. 28). James Sanders observou que essas referências repetidas às doze tribos implicam a restauração de Israel, particularmente em Jerusalém.<sup>12</sup>

O Evangelho de Lucas registra Ana falando do menino Jesus "a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém" (Lc 2.38), e a expectativa de Jesus de que, quando ele voltar, Israel o receba. "Você não me verá novamente até que diga: 'Bem-aventurado aquele que vem em nome do Senhor'" (Lc 13,34–35; Mt 23,37–39). Lucas sugere que esse retorno ocorrerá em Jerusalém (Lc 21,24–28).

Quando seus discípulos perguntaram a Jesus pouco antes de sua ascensão: "Senhor, você está neste momento indo para restaurar o reino a Israel?" (Atos 1.6), Jesus não desafiou sua suposição de que um dia o reino seria restaurado para Israel físico. Ele simplesmente disse que o Pai havia marcado a data, e eles não precisavam saber disso ainda.

## **O Sionismo está em todo o Novo Testamento. A única razão pela qual não vimos isso é porque fomos treinados para não vê-lo.**

Foram esses tipos de indicações nos Evangelhos e Atos que levaram Markus Bockmuehl a escrever: "o movimento inicial de Jesus evidentemente continuou a enfatizar a restauração das doze tribos de Israel em um novo reino messiânico."<sup>13</sup>

Paulo, Pedro e o escritor do livro de Apocalipse tinham expectativas semelhantes. Paulo usa a profecia de Isaías de restauração no capítulo 59 para declarar que "O libertador virá de Sião, ele banirá a impiedade de Jacó" (Rom 11.26). Em Atos 3, Pedro aguarda "os tempos de restauração de todas as coisas que Deus falou pela boca de seus santos profetas da antiguidade" (Atos 3.21).<sup>14</sup>

A palavra que Pedro usa para "restauração" é a mesma palavra (*apokatastasis*) usada na Septuaginta (que a igreja primitiva usou como sua Bíblia) para o futuro retorno de Deus Judeus de todo o mundo para Israel.<sup>15</sup> Na Revelação, o Cordeiro atrai seus seguidores para Sião no estágio final da história (12.1), e a nova terra é centralizada em Jerusalém, que tem doze portas nomeadas "das doze tribos dos filhos de Israel" (Ap 21.2, 12).

**Havia sempre um remanescente de Cristãos que via um futuro para Israel.**

O Sionismo é todo o Novo Testamento. A única razão pela qual não temos visto isso porque fomos treinados para não ver. O supercessionismo tem sido a interpretação Cristã dominante sobre o futuro de Israel durante a maior parte dos últimos dois mil anos.

## **Sionismo na História do Cristianismo**

Mas uma coisa nova está acontecendo na Igreja. Agora estamos percebendo que sempre houve um remanescente Cristão que viu um futuro para Israel, tanto como povo quanto como terra. Mesmo os Padres da Igreja, muitos dos quais muitas vezes ensinavam uma espécie de teologia de substituição, viam, no entanto, um futuro para Israel.

12 James Sanders, *Jesus and Judaism* (Philadelphia: Fortress, 1985), 98.

13 Markus Bockmuehl, *Jewish Law in Gentile Churches: Halakhah and the Beginning of Christian Public Ethics* (Grand Rapids: Baker Academic, 2000), xi.

14 Nesta e em outras citações bíblicas, Eu uso minhas próprias traduções do Hebraico e do Grego, a menos que seja indicado o contrário.

15 Jr 16.15 Eu os trarei de volta [apocalatasi-os] a sua própria terra que dei a seus pais; Jr 24.6 fixarei os meus olhos neles para o bem, e os trarei de volta [apokataste-so] a esta terra; Jer 50 [27 LXX]. 19 Eu restaurarei a Israel [apokataste-so] ao seu pasto; Os 11.11 Eles virão tremendo como os pássaros do Egito, e como pombas da terra da Assíria, e Eu irei retornar [apokataste-so] para suas casas, declara o Senhor.

Justino, o Mártir (100–165), por exemplo, esperava que o milênio fosse centrado em Jerusalém. Ele escreveu:

Mas Eu e outros, que são Cristãos justos em todos os pontos, estamos certos de que haverá uma ressurreição dos mortos e mil anos em Jerusalém, que então serão construídos, adornados e ampliados, como os profetas Ezequiel e Isaías e outros declaram...

Tertuliano (160–c.225) pensava que Seus punia os Judeus rasgando “da [sua] garganta [s]... a própria terra da promessa,” mas ainda acreditava que um dia retornariam à sua terra.



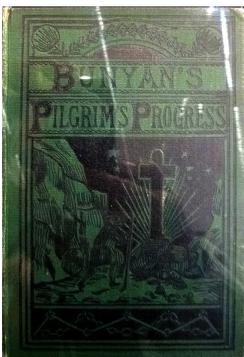
Justino, o Mártir,  
100–165 CE

Um pouco depois, no terceiro século, o bispo Egípcio Nepos, que “era um líder Cristão respeitado e admirado”, previa a restauração de Jerusalém e a reconstrução do templo. O ensinamento da geração do milênio prevaleceu naquela área do Egito do terceiro século, e foi assim por um longo tempo, junto com, presumivelmente, a fé em um Israel restaurado.<sup>16</sup>

No entanto, uma vez que a escatologia milenar de Agostinho se tornou aceita na igreja medieval, com a sua afirmação de que o milênio é simplesmente a regra de Cristo através da Igreja existente, poucos pensadores medievais viram um futuro para o povo ou a terra de Israel. Todas as profecias do Antigo Testamento do futuro Israel foram interpretadas como predições da Igreja Cristã, estabelecidas após a ressurreição de Cristo.

Houveram exceções, no entanto. Joachim de Fiore (c. 1135–1202) e outros previram um retorno dos Judeus para sua terra em uma idade futura do Espírito. Mas não foi até a Reforma e logo após que essa visão renovada de um futuro Israel ganhou ímpeto.

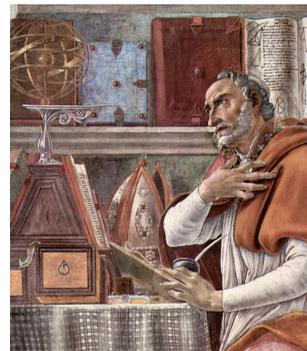
Já no século XVI, o estímulo para um novo tipo de Sionismo veio da Grã-Bretanha através da publicação de três livros. A primeira foi a Genebra Bíblica, publicada pela primeira vez em 1560 e mais popular que a Bíblia King James por gerações. As notas para os Romanos 11 predizem que um dia Israel, como povo, “abraçará a Cristo” e, então, “o mundo será restaurado a uma nova vida”.



Capa de *O Peregrino*

John Bale's (1495–1563), *A Imagem de Ambas as Igrejas*, publicado por Thomas East em 1570, também incluía esperança para a conversão nacional de Judeus ao Protestantismo, e atribuiu a eles um lugar no trono do Cordeiro no final da história.

*O Livro dos Mártires* de John Foxe (1563), que foi o livro mais lido em Inglês por vários séculos após a Bíblia, e *O Peregrino*, de John Bunyan, garantiu a seus leitores que as promessas de Deus aos Judeus “permanecem em vigor”.



Agostinho de Hippo,  
354–430 CE

16 Robert L. Wilken, *The Land Called Holy: Palestine in Christian History and Thought* (New Haven: Yale University Press, 1992), 76–77, om base em Eusébio, *A História da Igreja* 7.24 e outras fontes.

## **O Sionismo Cristão existe há 2000 anos e a grande maioria dos Cristãos Sionistas não tem nada a ver com o dispensacionalismo.**

No século XVII, os pensadores Britânicos, especialmente os Puritanos, começaram a prever um retorno dos Judeus a Sião. Alguns pensavam que os Judeus retornariam à terra sem primeiro se converter ao Cristianismo. Essa crença tornou-se tão difundido que você vê em John Milton, que, em *Paraíso Recuperado*, escreveu sobre o retorno do povo de Israel à sua antiga terra.

A maior parte deste Sionismo moderno veio antes de meados do século XIX e a maioria era pós-milenista. Isto é importante notar porque a erudição moderna declarou que o Sionismo Cristão se originou em meados do século XIX e está enraizado em dispensacionalismo pré-milenista. Mas ambas as declarações estão erradas. De fato, o Sionismo Cristão existe há 2000 anos e a grande maioria dos Cristãos Sionistas não tem nada a ver com o dispensacionalismo.

## **Conclusão**

O Sionismo Cristão é a única coisa que dá sentido à única história da aliança que corre como um fio vermelho em toda a Bíblia. É a história de como o Deus do cosmos salva um mundo pecaminoso através de um povo em particular. Deus criou pessoas de carne, nas quais ele se encarnou, primeiro no povo de Israel e depois em um Israelita. Ele prometeu a este povo uma terra e pessoas, através das quais a salvação viria ao mundo.

Deus ainda está no processo de salvar o mundo através desse povo e da terra em particular, à medida que os indivíduos se unem a esse Deus de Israel e ao povo de Israel através do Israelita Jesus. Deus prometeu devolver o seu povo, Israel, à terra de Israel, e fazer de Jerusalém o centro do mundo vindouro. E, assim como Deus cumpriu sua promessa de devolver seu povo à terra, ele cumprirá sua promessa de fazer dessa terra o centro do novo céu e da nova terra.

# As Raízes Judaicas do Cristianismo

**Brad H. Young, Ph.D.**

O Dr. Brad Young é professor de Literatura Bíblica na Escola de Teologia e Ministério da Universidade Oral Roberts em Tulsa, OK. Ele ganhou seu PhD da Universidade Hebraica, em Jerusalém, com especialização em Estudos do Novo Testamento e no começo Judaico do Cristianismo. Além de seu foco acadêmico sobre as raízes Judaicas do Cristianismo, Brad é ativo no diálogo inter-religioso e trabalha para construir pontes entre as comunidades de fé Judaica e Cristã.



Agradeço à CAMERA por seu excelente jornalismo e reportagem objetiva que desafia o viés predominante da mídia—um preconceito que demoniza Israel através da apresentação de uma falsa narrativa. Em uma época em que os repórteres tendem a escrever uma história para seguir essa narrativa, é inspirador ver como os jornalistas da CAMERA apresentam os fatos. Em particular, os analistas de mídia Cristãos da CAMERA estão atualmente trabalhando para expor um movimento cuidadosamente calculado dentro do Cristianismo Evangélico para se desvencilhar dos ensinamentos bíblicos que sustentam o eterno relacionamento de aliança entre Deus e o povo Judeu.

**Os líderes Palestinos imaginam um estado Palestino completamente livre dos Judeus.**

Um legado de ódio, anti-Semitismo, anti-Sionismo e teologia de substituição está sendo renovado por meio de uma agenda que pretende transformar a fé e a prática Cristãs Evangélicas.

No processo, as conquistas da democracia Israelense são difamadas enquanto a mensagem de ódio do Fatah, Hamas, Estado Islâmico e Irã é proliferada. Como resultado, Judeus e Cristãos estão sendo atacados tanto politicamente quanto fisicamente.

Os líderes Palestinos rotineiramente provocam seus cidadãos em violência contra os cidadãos Israelenses. Mas muitas vezes, seus incitamentos públicos são ignorados ou justificados. Em vez disso, as vítimas do terror são culpadas como a causa do terrorismo na equivalência moral pervertida da mídia noticiosa. CAMERA está chamando a atenção para essa distorção da mídia e para o movimento perturbador dentro do mundo Evangélico que busca alinhar os ensinamentos Cristãos com a narrativa falaciosa perpetuada pela mídia.

Um exemplo da narrativa espúria promovida pelos Cristãos é a falha em reconhecer que Jesus era Judeu. Organizações como as Conferências Cristo no Checkpoint em Belém afirmam que Jesus era um Palestino. Consistente com essa crença, os Cristãos Palestinos ignoram o fato de que a família sagrada não teria permissão para entrar na Belém de hoje porque o Fatah proíbe os Judeus de entrar em território sob seu controle.

De fato, os líderes Palestinos imaginam um estado Palestino completamente livre dos Judeus. Isto está em contraste marcante com a rica diversidade da população que caracteriza o moderno Estado de Israel.

**É realmente difícil ser contra o povo Judeu quando você entende que o fundador da sua fé era Judeu.**

Em contraste com o preconceito religioso e violência tão prevalente no Oriente Médio de hoje, o Estado democrático de Israel continua a ser um paraíso de liberdade religiosa para seus cidadãos Cristãos e Muçulmanos, bem como para os fiéis Judeus. Cristãos que vivem em Nazaré sob a democracia Israelense estão vivendo no paraíso em comparação com os Cristãos na Cidade de Gaza, sob o governo de Hamas, ou Cristãos em Belém sob o comando do Fatah e Hamas, ou Cristãos que vivem em Bagdá.

Isso é especialmente significativo agora, como os líderes congressionais dos EUA de ambas as partes reconhecem que um genocídio de Cristãos está ocorrendo atualmente no Oriente Médio, particularmente onde quer que o Estado Islâmico esteja no controle. E o Estado Islâmico já está operando na Cidade de Gaza e em Ramallah, ameaçando atacar Israel em seguida.

## Cristianismo e Suas Raízes Judaicas

Quais são as raízes Judaicas do Cristianismo? Esta é uma questão crucial. Um proeminente erudito e teólogo Evangélico, Marvin Wilson, observou que, se os fiéis Cristãos da Alemanha realmente tivessem entendido as raízes Judaicas de sua fé, o Holocausto não teria sido possível.

Um famoso professor de seminário informava regularmente a sua turma: "A primeira coisa que você deve fazer para ser um bom Cristão é matar o Judeu dentro de você." Em uma dessas ocasiões, uma estudante levantou a mão e respondeu: "Você quer dizer Jesus?"

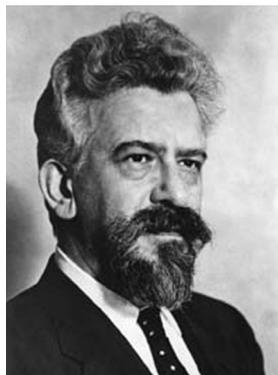
**Para os Cristãos, a fé de Jesus fortalece e apóia a fé em Jesus, que é tão verdadeira quanto a fé de Jesus.**

É realmente difícil ser contra o povo Judeu e sua fé quando você realmente entende que o fundador da sua fé era Judeu. Abrigar o ódio no coração Cristão contra Israel é o mesmo que odiar o fundador da fé e da prática Cristãs. O Jesus histórico era leal ao seu povo e sua fé, e a fé em Jesus não pode cancelar e substituir a fé de Jesus.

O fato histórico de que Jesus era Judeu solapa o antissemitismo Cristão. Não só Jesus era Judeu, mas ele apoiou todos os ensinamentos da Torá e dos profetas, que abrangem as alianças eternas feitas com o povo Judeu. A estreita conexão entre Jesus e a ética monoteísmo da fé Judaica ao longo da história foi observado pelo Papa João Paulo quando em 1986, ele declarou: "Quem conhece Jesus encontra Judaísmo."

Com relação às raízes da Igreja na fé e prática, o Rabino Abraham Joshua Heschel observou: "A questão vital na igreja é decidir procurar suas raízes no Judaísmo e considerar-se uma extensão do Judaísmo, ou procurar suas raízes no Helenismo e considera-se uma antítese do Judaísmo".

A abordagem Helenística ao Cristianismo como uma antítese do Judaísmo está no cerne do anti-Semitismo Cristão. Na realidade, é através da Igreja, que Jesus traz o Judaísmo e seu monoteísmo ético para os povos do mundo. Para os Cristãos, a fé de Jesus fortalece e apóia a fé em Jesus, e a fé em Jesus é tão verdadeira quanto a fé de Jesus.



Rabino Abraham Joshua Heschel, Professor, Seminário Teológico Judaico Da America

## Consequências da Rejeição das Raízes Judaicas do Cristianismo

Hoje, muitos dentro da Igreja repudiam a conexão histórica entre um Jesus Judaico, Israel e fé Cristã. Um exemplo disso é encontrado na teologia da libertação, na qual o povo Judeu é visto como colonizadores recentes de sua própria terra histórica, quando, na verdade, os Judeus sempre viveram na terra e demonstraram conexões profundas com seu lar nacional.

Uma consequência da negação da verdade se manifesta na afirmação de que Jesus não era Judeu, mas era Palestino. A negação de um Jesus Judaico é acompanhada pela alegação de que os Judeus mataram Jesus. O Rev. Jeremiah Wright, da Igreja de Cristo em Chicago—teólogo da libertação e ex-pastor de Presidente Obama—proclamou que “Jesus era um Palestino” e “...os Judeus mataram meu Jesus”. Ensinamentos semelhantes vêm do Cristo Redentor de Faculdade Bíblica de Belém na conferência Checkpoint até hoje.



Rev. Jeremiah Wright, Pastor,  
Igreja de Cristo, Chicago

A acusação de que os Judeus mataram o Palestino Jesus levanta uma questão importante: esse tipo de falsa pregação e ensino é responsável pela morte do Jesus histórico? Parece que sim, porque essa falsa afirmação contradiz a história, a Bíblia, Nostra Aetate, muitas declarações denominacionais principais e teologia Evangélica.

Segundo os Evangelhos, o governador Romano Pilatos foi quem pronunciou a sentença de morte de Jesus e foram os soldados Romanos que crucificaram Jesus. Este é o relato histórico encontrado nos textos do Evangelho. Além disso, na teologia Cristã, acredita-se que a morte de Jesus seja um cumprimento da profecia Bíblica que trouxe cura e salvação a um mundo que sofre. O amor divino e a necessidade humana tornaram imperativo que Jesus morresse.

No entanto, ao longo da história da igreja, em contradição com o relato bíblico, os Judeus foram perseguidos pelo alegado crime de deicídio, e os Judeus de todos os tempos são culpados pela morte de Jesus. Mas, como uma estudante Judia explicou a seus colegas Cristãos que a acusaram de matar Jesus, “Eu não estava lá. Eu nunca conheci Jesus. Eu não matei o Cristo.”

Uma segunda consequência da rejeição das raízes Judaicas do Cristianismo é o fato de que a proclamação da morte de Jesus às vezes foi usada para marginalizar o Jesus vivo. Como resultado, um ensino sem lei da graça banalizou os ensinamentos de Jesus do Sermão do Monte e as parábolas do Evangelho—ensinamentos que exigem ação moral e conduta ética.

Os Cristãos nunca devem matar o Jesus vivo pela morte de Jesus. O perdão dos pecados não é uma desculpa para evitar a herança Hebraica do monoteísmo ético na proclamação de Jesus e o Reino. Dietrich Bonhoeffer tinha razão quando ele declarou: “A graça barata é o inimigo mortal da Igreja”.

De fato, a consideração das raízes Judaicas do Cristianismo exige uma avaliação honesta da terra de Israel, do povo de Israel e da fé de Israel encontrada nos ensinamentos de Jesus e do Apóstolo Paulo. A doutrina da graça barata nunca pode substituir o pacto e a conduta.

Uma terceira consequência de repudiar as raízes Judaicas do Cristianismo é o fato de que o povo Judeu agora é acusado de roubar e colonizar sua própria pátria. A realidade é que, apesar dos colonizadores estrangeiros, desde os Romanos até os Britânicos, os Judeus sempre viveram na terra, e os exilados sempre professaram o desejo de retornar à sua pátria nacional. E desde 1948, eles criaram um estado democrático no qual as minorias Cristã e Muçulmana compartilham seu governo, como demonstrado por, em apenas um exemplo de muitos, a capacidade de um Cristão Árabe de servir como justiça ao Estado da Suprema Corte de Israel.

**A realidade é que, apesar dos colonizadores estrangeiros, dos Romanos aos Britânicos, os Judeus sempre viveram na terra, e os exilados sempre professaram o desejo de retornar a sua pátria nacional.**

# Três Aspectos das Raízes Judaicas do Cristianismo

Eu quero examinar três aspectos essenciais das raízes Judaicas do Cristianismo. Esses são os ensinamentos de Jesus revelados nos Evangelhos, a mensagem do Apóstolo Paulo encontrada nas cartas que ele escreveu às comunidades Cristãs de fé e a questão da teologia da substituição em relação a Israel na Bíblia.

## Parte 1: Os Ensinamentos de Jesus

Foi perguntado a Jesus qual mandamento era o principal de todos os mandamentos da Bíblia (Marcos 12:29). Ele respondeu com o *Shemá*: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor." (Deuteronômio 6:4) Ele também citou os dois mandamentos de amor que resumem toda a Torá. Primeiro, um indivíduo deve amar a Deus com tudo em seu coração. Em segundo lugar, uma pessoa deve amar e estimar todos os outros seres humanos como a si mesmo. Esses dois mandamentos resumem todas as diretrizes das Escrituras que tratam do relacionamento entre um indivíduo e o Criador, bem como o código moral de conduta em relação à maneira como as pessoas tratam umas às outras.

O monoteísmo—o reconhecimento do único Deus verdadeiro de Israel—é a base para andar humildemente com o Todo-Poderoso e tratar os outros com respeito e dignidade humana. A essência do Judaísmo é o monoteísmo ético e Jesus trouxe este ensinamento para o mundo através do crescimento e desenvolvimento do discipulado Cristão através dos tempos. Os valores éticos do Judaísmo são ensinados através da interpretação de Jesus da Torá no Sermão do Monte.

Este monoteísmo ético é visto no humanitarismo de Judeus e Cristãos dedicados às suas tradições de fé. Da mesma forma que Jesus proclamou o Reino, os sábios da antiguidade de Israel conectou

a compreensão de Deus e do mandamentos de receber a soberania de Deus na vida diária. Quem reza o *Shema*, recebe o Reino.

*Ouçã O Israel*

*o SENHOR nosso*

*Deus o SENHOR é um*

*O Shema*

Dentro da comunidade Judaica, o altamente estimado líder, o Rabino Jacob Emden, ecoa esse fato quando diz: "Jesus trouxe uma dupla bondade ao mundo. Por um lado ele fortaleceu a Torá de Moisés majestosamente...e nenhum dos nossos sábios falou mais enfaticamente sobre a imutabilidade da Torá. Por outro lado, ele removeu ídolos das nações..."

## Jesus e Interpretação da Torá

Antes da disseminação do Cristianismo remover ídolos das nações e promover a conduta ética baseada na Bíblia, o Jesus histórico estava interagindo com os estudiosos da lei religiosa no mais alto nível de aprendizado. Ele estava obviamente em casa na sinagoga, e parecia estar mais preocupado em como aplicar a Torá na prática do que em como explicar a teologia abstrata. Para Jesus, fazer a coisa certa parece mais importante do que ter uma teologia perfeita.

Nos Evangelhos, Jesus é apresentado como um líder preeminentemente especialista em questões de interpretação da Bíblia e aplicação dos princípios Oraís da Torá, e é retratado mais como um rabino interagindo com rabinos do que um Cristão provando que o Judaísmo está errado. Jesus nunca se tornou um Cristão.

**Jesus não cancelou as palavras da Torá. Ele confirmou o significado autêntico através da interpretação.**

Entretanto, gerações posteriores de Cristãos não entenderam a dinâmica da interpretação e aplicação Judaica do aprendizado de Torá, e não entenderam que o Jesus Judaico dos Evangelhos debatia questões de observância da Torá. De fato, ele declarou: "Não pense que Eu vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim para abolir, mas para cumprir" (Mt 5:17).

Jesus dá um significado espiritual mais profundo e aplicação prática aos Dez Mandamentos através de uma nova interpretação da Torá.

Jesus não cancelou as palavras da Torá. Sua declaração significa que Ele aceitou a Torá completamente. Ele confirmou o autêntico significado através da interpretação. O Sermão do Monte é uma intensificação da Torá em que a mensagem de Jesus não compromete nem abole as palavras do texto sagrado. De fato, Ele deixou claro que nem um ponto ou letra poderia ser cancelada da Torá.

Os antigos rabinos interpretaram o significado mais profundo da Torá para aplicação prática de maneira semelhante. O antigo professor de Tanna, o Rabino Simeon bar Yochai, deu o exemplo do Rei Salomão, que tentou cancelar uma letra da Torá através de uma interpretação criativa.

Apesar de sua lendária sabedoria, o Rei Salomão era conhecido por suas muitas esposas, seus estábulos fabulosos com cavalos impressionantes e sua imensa riqueza. Ele vivia assim apesar do fato de que a Torá explicitamente ordena que o rei não "multiplique para si" esposas, cavalos ou ouro (Dt 17: 16–17). Mas Salomão tentou mudar todo o significado do mandamento se livrando da menor letra Hebraica, *yod*, do verbo neste comando.



A Letra Hebraica *Yod*

Sem a minúscula letra *yod*, o mandamento proibindo o rei de Israel de multiplicar esposas, cavalos e dinheiro poderia ser completamente reinterpretado para ser um verbo imperativo. O Rei Salomão leu a palavra negativa como um dativo de vantagem. Portanto, Salomão interpretou este texto dizendo que o rei é ordenado a "multiplicar-se por si mesmo" esposas, cavalos, junto com prata e ouro.

No Talmud de Jerusalém, o Rabino Simeon explica como a minúscula letra, que havia sido abolida da Torá, reclamou para o Todo-Poderoso. A resposta divina é muito forte: "Salomão e mil como ele serão cancelados, mas nenhuma minúscula letra será abolida da Torá." Este episódio é instrutivo em relação ao Sermão do Monte, embora o Talmud de Jerusalém tenha sido escrito na primeira parte do segundo século quando o Rabino Simeon foi um dos cinco discípulos do Rabino Akiva. Jesus deixou claro que nem um jota ou til poderia ser removido da Torá, e o Talmude proíbe a remoção de uma letra ou reinterpretação da Torá também.

A interpretação adequada da Torá dá uma aplicação mais profunda. De fato, a aplicação de Jesus de "Não matar" e "Não cometer adultério" tornou a observância da Torá mais difícil. Como um professor Judeu do Judaísmo do Segundo Templo, Jesus é bastante rigoroso quando ensina que a raiva leva ao assassinato e a luxúria no coração leva ao adultério. Ele intensifica o significado autêntico da Torá através de uma aplicação perspicaz. A noção Cristã de que Jesus cancelou a Torá é equivocada e desconectada das raízes Judaicas da experiência da fé do primeiro século.

## Jesus e a Observância Sabática

Jesus observou o Sábado Judaico. Quando questões relacionadas à observância do Sábado foram levantadas, Jesus respondeu a perguntas explicando a Torá Oral e defendendo sua abordagem aos Judeus. Por exemplo, Jesus argumentou que a cura no Sábado era permitida porque salvar a vida anula a observância ritual ligada à santidade do dia. Os Fariseus teriam encontrado seus argumentos baseados na Torá Oral muito bem e todos os rabinos hoje concordariam.

### Jesus respondeu a perguntas explicando a Torá Oral e defendendo sua abordagem à lei Judaica.

Outros movimentos religiosos influentes da época como os Saduceus e os Essênios podem ter discordado. Os Saduceus eram literalistas bíblicos e rejeitavam a Torá Oral, que fazia aplicação prática da palavra sagrada escrita. O fato deles serem opostos aos ensinamentos de Jesus é demonstrado pelo fato de que eles desempenharam um papel proeminente junto com as autoridades Romanas nos eventos da última semana da vida de Jesus.

Os Essênios—os produtores dos Manuscritos do Mar Morto—também eram muito rigorosos em sua interpretação da palavra escrita. A Comunidade do Mar Morto era muito mais rígida em decretos legais e eles se queixavam das decisões indulgentes dos Fariseus, referindo-se a eles como “os que buscavam as questões suaves”.

O Pacto de Damasco, um documento descoberto pela primeira vez na Geniza do Cairo e depois descoberto entre os Manuscritos do Mar Morto, demonstrou uma abordagem radical à observância do Sábado. Este texto é semelhante à perspectiva dos Essênios e poderia representar algumas visões dos Saduceus também. Ensina que, se o seu boi cai em um buraco no Sábado, você não deve levantá-lo de maneira alguma.



Pergaminhos do Mar Morto no Santuário do Livro, Museu de Israel, Jerusalém

Por outro lado, o Talmud, que pode muito bem representar os resultados de discussões e debates anteriores dos Fariseus, ensina que se a sua vaca cai em um buraco no Sábado, você tem permissão para fornecer almofadas para o conforto. Se o animal sair, ele sai. Parece que, para os Fariseus, era permitido tirar um boi da vala no Sábado.

Quando Jesus fez um argumento haláchico semelhante na sinagoga, é provável que seu público fosse composto de Fariseus ou aqueles intimamente ligados às suas visões de uma Torá Oral, incluindo a permissibilidade de levantar um boi da vala no Sábado. Baseado na Torá Oral, ele argumentou que a cura é permitida no Shabat, porque se o seu boi cai em um buraco no Shabat, espera-se que você alivie o sofrimento do animal e o retire. De fato, o resgate de um animal sofrendo é exigido no Sábado com base na salvação da vida.

Os quatro Evangelhos das Escrituras Cristãs registram claramente referências a halachá nos argumentos de Jesus quando ele afirmou que ele e seus discípulos guardavam o Sábado. Embora grupos como os Saduceus e os Essênios não concordassem, muitos, se não a grande maioria, de Fariseus provavelmente teriam achado os argumentos apresentados por Jesus bastante convincentes. De fato, os Fariseus e os rabinos depois deles deram um imenso significado ao valor da vida, e determinaram que a salvação da vida se sobrepõe à lei do Sábado.

Em um antigo comentário Tannaítico sobre o livro do Êxodo, os rabinos discutiram a importância de salvar a vida. Na discussão apresentada neste texto, o Rabino Simeon ben Menasyah

## **O Judaísmo de Jesus é certamente revelado através de seus ensinamentos sobre a observância do Sábado.**

interpretou o Êxodo 31:13, onde diz que o Sábado “é sagrado para você” como significando: “O Sábado é dado a você, mas você não é entregue ao Sábado”. Da mesma forma, Jesus ensinou: “O Sábado foi feito para o homem, não o homem para o Sábado” (Marcos 2:27).

Em Genesis, o ato final da Criação foi a criação do ser humano. Primeiro Deus preparou um belo mundo cheio de bênçãos para ser desfrutado pela humanidade, e então os humanos foram criados na

véspera do Sábado para entrar no tempo de descanso com o Criador. Então, literalmente, como o Rabino Simeon e Jesus ensinaram, o Sábado foi feito para o homem como uma experiência de alegria e bênção. O Judaísmo de Jesus é certamente revelado através de seus ensinamentos sobre a observância do Sábado e da forma como ele fez referência direta à Torá Oral.

### **Jesus e os Fariseus**

É preciso reconhecer que, embora Jesus tenha criticado as práticas hipócritas de alguns Fariseus, ele não condenou seus ensinamentos. De fato, Jesus sustentou os ensinamentos dos escribas e Fariseus em relação à Torá Oral. Por um lado, Jesus tinha críticas afiadas para aqueles que pregam, mas não praticam. Mas, por outro lado, ele declarou: “pratique e observe o que eles disserem a você...” (Mt 23:3).

O Talmud também tem duras críticas pelas práticas hipócritas de alguns Fariseus. Da mesma forma, os Católicos criticam os Católicos hipócritas e os Batistas criticam os Batistas. A crítica de Jesus aos Fariseus demonstra que ele estava realmente muito próximo dos Fariseus em teologia e ensinamentos relacionados à interpretação e aplicação prática das Escrituras.

**Jesus foi ferozmente leal ao seu povo e manteve firmemente os ensinamentos da Torá.**

O Talmud lista sete tipos de Fariseus. Os tipos são notavelmente semelhantes às críticas feitas por Jesus, como a sua crítica ao “faríngeo do ombro”. Esse tipo de hipócrita liga pesadas cargas sobre os ombros de outros para carregar, mas não consegue praticar seus próprios ensinamentos. Tanto Jesus como os rabinos criticam esse tipo de líder espiritual.

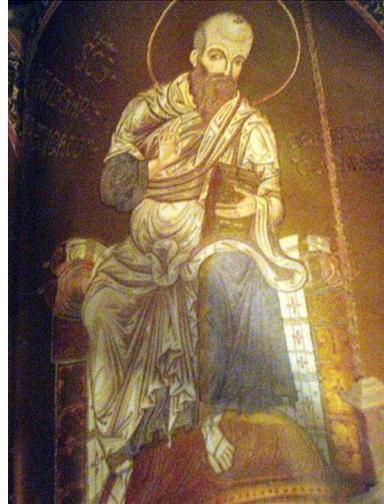
No entanto, há também um tipo positivo de Fariseu mencionado no Talmud—o Fariseu do amor. Este Fariseu é comparado a Abraão e é altamente estimado no ensino dos rabinos que estavam ligados aos Fariseus e sua interpretação da Torá escrita. Da mesma forma, Jesus louvou aquele que demonstra compaixão pelos outros como o “Fariseu do amor”. Ao proclamar a mensagem do reino, Jesus foi ferozmente leal ao seu povo e manteve firmemente os ensinamentos da Torá. Sem dúvida, o Jesus retratado nos Evangelhos é totalmente Judeu.

## **Parte 2: O Apóstolo Paulo e Sua Mensagem**

O Apóstolo Paulo é talvez o Fariseu que mais conhecemos por causa da preservação de seus próprios escritos no Testamento Cristão. Ele se descreve claramente como um Fariseu e se orgulha de sua herança. Na verdade, ele se apresenta como um Fariseu de Fariseus e, portanto, ele deve ser estudado como um exemplo do primeiro século do movimento. Ele escreveu cartas para comunidades de fé, muitas das quais ele ajudou a estabelecer. A autoria de muitas dessas cartas é indiscutível até mesmo para os estudiosos mais críticos, e alguns estudiosos observaram que, através de seus escritos, temos acesso direto aos pensamentos e ensinamentos de um Fariseu histórico.

Eu gostaria de fazer uma conexão entre o “Fariseu do amor” comparado a Abraão no Talmude, e a ênfase nos escritos do Apóstolo Paulo sobre o amor e a fé de Abraão. Mas primeiro, alguns antecedentes sobre como a literatura Talmúdica retrata sete tipos de Fariseus, seis dos quais são caracterizações negativas mais prováveis.

As representações Talmúdicas mostram um tipo de Fariseu que ensina, mas não pratica o que está sendo ensinado. Jesus ensinou que os escribas e Fariseus sentam-se no assento de Moisés e que seus ensinamentos são cheios de sabedoria que deve ser seguida. Em Mateus 23: 2, ele declarou: “Faça o que eles dizem...” No entanto, Jesus também criticou o comportamento hipócrita de alguns Fariseus que pregavam bem, mas não praticavam o que pregam. Essa mesma crítica é encontrada no Talmude, onde a conduta pessoal que espelha o ensino ético é promovida.



O Apóstolo Paulo

## **Claramente, os temas do amor a Deus e aos outros e a prática do que é pregado eram caros ao Fariseu tanto no Talmude quanto nos escritos de Paulo.**

Infelizmente às vezes, o Cristianismo tem caracterizado os ensinamentos dos Fariseus como mal sem aprender sua mensagem das melhores fontes. Enquanto seis tipos de Fariseus são exemplos mais prováveis de conduta inferior, o sétimo tipo de Fariseu deve ser elogiado e imitado. Abraão representa esse tipo e ele é retratado como o “Fariseu do amor”, cuja conduta demonstrou amor a Deus e amor pelos outros por meio de sua experiência de fé.

O Apóstolo Paulo parece replicar os ensinamentos Talmúdicos quando fala sobre a fé de Abraão em sua epístola aos Romanos e a mensagem preeminente de amor em 1 Coríntios 13. O versículo final desse capítulo de amor: “Esses três permanecem para sempre, fé, esperança e amor—mas o maior deles é o amor”, está enraizado no fundamento da interpretação Farisaica da Sagrada Escritura. No retrato rabínico de nosso pai Abraão, esse homem de fé abriu amplamente sua tenda para compartilhar com os outros a mensagem do amor de Deus.

Claramente, os temas do amor a Deus e aos outros e a prática do que é pregado eram caros para o Fariseu tanto no Talmude quanto nos escritos de Paulo.

## **A Audiência de Paul**

Jesus declarou: “Fui enviado somente às ovelhas perdidas da Casa de Israel” (Mt 15:24). Esta declaração demonstra a consciência de Jesus sobre sua origem Judaica e o foco de sua carreira. Paul, por outro lado, foi enviado para o mundo não-Judeu e estava escrevendo para leitores não-Judeus que haviam abandonado o paganismo e a idolatria da cultura circundante e abraçado a fé no único e verdadeiro Deus de Israel através do Judeu, Jesus de Nazaré.

Através de seus escritos, é evidente que Paulo desejava ver a visão dos profetas Hebreus realizada. Os profetas imaginaram um futuro em que o mundo pagão não-Judeu rejeitaria a idolatria e oraria ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó ao lado do povo Judeu. Eles declaram que Israel deve ser uma luz para que os ensinamentos da Torá saiam de Sião para o mundo inteiro. Portanto, o Templo deve ser uma casa de oração para todos os povos.

## Paulo Versando Sobre o Relacionamento dos Cristãos com Israel e o Povo Judeu

O fato de que Paulo estava escrevendo para leitores não-Judeus fornece uma visão do que ele tinha para dizer sobre o futuro de Israel e como os Cristãos estão relacionados a Israel e ao povo Judeu. Sem entender o contexto em que ele escreveu, a mensagem de enxerto de Paulo encontrada em Romanos 9–11—que os pagãos não-Judeus seriam enxertados em Israel como um galho numa árvore—é mal entendida. Como resultado, a visão de Paul sobre o relacionamento dos Cristãos para Israel e do povo Judeu é muito diferente do que o adotado posteriormente em alguns ensinamentos da igreja.

**Os dons e chamados de Deus para Israel nunca podem ser revogados. (Rom 11:20)**

Em sua carta aos Romanos, Paulo estava escrevendo para a comunidade de fé em Roma, a capital do Império Romano.

Esta comunidade de crentes em grande parte não-Judeus tinha experimentado uma reviravolta significativa. Os Judeus haviam sido expulsos de Roma pelas autoridades e, depois, autorizados a retornar. Como resultado, as tensões sociais se desenvolveram naturalmente entre os que foram expulsos e os que não foram expulsos. Paulo escreveu esta carta para abordar questões complexas que surgiram e fez dos capítulos 9, 10 e 11 a mensagem central de sua apresentação.

**Paulo rejeitou a ideia de que a pregação da fé cancelou a Torá e suas promessas aos Judeus. (Rom 3:31)**

Nestes capítulos, ele primeiro deixou claro que os dons e chamados de Deus para Israel nunca podem ser revogados

(Rom 11:20). Segundo, ele definiu Israel como incluindo o povo Judeu que continuou em sua tradição de fé sem receber Jesus (Rom 9: 1–5). Seu “não” para Jesus foi o seu “sim” para Deus e a Bíblia, e o fato de que eles permaneceram fiéis as suas crenças abriram a oportunidade para os não-Judeus entrarem em uma experiência de fé através de Jesus.

Este texto não indica que Paulo de alguma forma abraçou a idéia de que os filhos físicos de Abraão, Isaac e Jacó foram substituídos ou deserdados por aqueles que vieram à fé em Jesus. Para ele, a estratégia divina de redenção estava sendo implementado através de Israel e da Igreja. Provavelmente, uma das principais razões, ou mesmo o objetivo principal de escrever a carta, era dissipar para sempre e sempre a noção de que Deus havia rejeitado o povo Judeu. De fato, Paulo rejeitou a ideia de que a pregação da fé cancelou a Torá e suas promessas aos Judeus (Rom 3:31).

Como o teólogo Cristão altamente reverenciado Karl Barth explicou: “Sem dúvida, os Judeus são até hoje o povo escolhido de Deus, no mesmo sentido que o foram desde o começo, de acordo com o Antigo e o Novo Testamento. Eles têm a promessa de Deus e se nós Cristãos de entre os Gentios o têm também, então é somente como aqueles escolhidos com eles; como convidados em sua casa, como madeira nova enxertada em sua velha árvore.” Aqui Barth está dizendo novamente o que o Apóstolo Paulo declara em Romanos 9–11 tão claramente, que é a raiz que nutre o ramo, e o pacto eterno prometido ao povo de Israel nunca pode ser comprometido.



Rev. Karl Barth

Infelizmente, no entanto, ao longo da história, a Igreja afirmou que a árvore de Israel foi cortada e substituída, que Israel não existe mais e agora o verdadeiro Israel é a Igreja. Como um resultado, muitos Cristãos lêem a Bíblia como se tivessem substituído Israel, e como se o povo

Judeu fosse apagado da história. Eles reformulam-se nas promessas feitas aos descendentes físicos de Abraão e substituem Israel pela Igreja.

Aparentemente, esse conceito de substituição já brotou quando Paulo escreveu sua carta para os Romanos, porque ele sentiu a necessidade de ensinar que é a raiz, que é Israel, que alimenta o ramo, que é a Igreja.

## Parte 3: Teologia de Substituição e Israel na Bíblia

Teologia da substituição ensina que as alianças e chamados sobre Israel detalhados na Bíblia Hebraica foram cancelados e substituídos pela aliança com a Igreja encontrada nas Escrituras Cristãs. A Igreja escolhida suplantou o povo Judeu como o "verdadeiro Israel". O Israel histórico é redefinido como Israel espiritual por meio da reinterpretação teológica das promessas da aliança eterna. Como resultado, a aliança eterna com Israel não é mais válida porque Israel foi substituído pela Igreja.

### O ensinamento de Paulo são consistente com as Escrituras Hebraicas, que vêem Israel como os descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó.

Em contraste com a teologia da substituição, Jesus confirmou a imutabilidade do Antigo Testamento e o Apóstolo Paulo declarou que os dons e chamados para Israel são irrevogáveis e divinamente designados. Portanto, uma teologia Cristã a respeito de Israel, que envolve o enxerto e o cumprimento do pacto e da promessa divinos, está muito mais alinhada com os

ensinamentos de Jesus e de Paulo do que uma teologia de substituição que nega a fé de Jesus enquanto proclama uma perversa reivindicação de exclusividade.

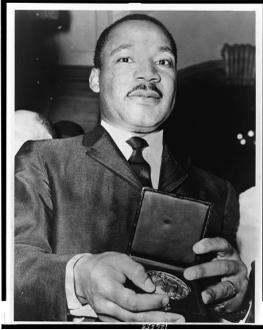
De fato, o Apóstolo Paulo não se referiu a Israel como algo passado, mas usou o tempo presente quando escreveu: "Eles são Israelitas e para eles pertencem a filiação, a glória, as alianças, a lei, o culto e as promessas e de sua raça, segundo a carne, é o Cristo" (Rom 9:4–5). Só estas palavras refutam para sempre o ensino da teologia da substituição porque o apóstolo nunca afirmou que costumavam ser Israelitas e que agora foram substituídos por outros.

O ensinamento de Paulo são consistente com as Escrituras Hebraicas, que vêem Israel como os descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó. Israel é mencionado cerca de 2.400 vezes no Antigo Testamento com esta conexão familiar, o que significa que a família de Israel está sempre ligada à sua experiência de fé, sua terra de aliança e a prática de sua herança religiosa. Israel também é mencionado quase 80 vezes no Cristianismo com o mesmo significado, e este testamento não redefine Israel. De fato, a terra, o povo e a fé não podem ser separados, pois estão interligados por toda a Bíblia Judaica e Cristã.

## Aspectos Comuns da Fé Judaica e Cristã

Cristãos Evangélicos que crêem na Bíblia compartilham muitas semelhanças com a comunidade Judaica de fé. As Escrituras que Judeus e Cristãos têm em comum as une em um propósito comum. Tanto Judeus como Cristãos em suas comunidades de fé enfatizam amar a Deus de todo o seu coração e amar o próximo como a si mesmo. Rabinos históricos líderes como o estimado líder comunitário e professor Jacó Emden, do século XVIII, observaram que o Cristianismo ensinava o monoteísmo

**Sem desconsiderar o diferenças entre o Judaísmo e o Cristianismo, que são profundas e distintas, o elo comum de amar a Deus e ao próximo no monoteísmo ético é uma conexão forte e importante.**



Rev. Dr. Martin Luther King

ético baseado na mensagem de Jesus. Como resultado, ele acreditava que o Cristianismo servia ao bem comum.

Comunidades Judaicas e Cristãs estudam a Bíblia e compartilham a fé nas promessas da Torá e dos profetas para o povo Judeu. Os profetas Hebreus ansiavam que todos os povos do mundo viessem à fé em Deus e vivessem uma vida baseada nos ensinamentos éticos de sua Bíblia. Sem desconsiderar as diferenças entre o Judaísmo e o Cristianismo, que são profundas e distintas, o laço comum entre amar a Deus e o próximo no monoteísmo ético é uma conexão forte e importante.

Neste dia, quando nos lembramos do Rev. Dr. Martin Luther King, é importante recordar seu forte apoio ao estado moderno de Israel.

O Dr. King foi o primeiro pregador Batista e forte líder Evangélico. Sua fé o fortaleceu em sua luta por justiça social e igualdade. Além disso, ele acreditava fortemente em estabelecer e proteger Israel. Ele era certamente um Sionista Cristão. Falando à convenção anual da Assembléia Rabínica em 25 de Março de 1968, ele declarou:

Paz para Israel significa segurança, e devemos nos apoiar com todo o nosso poder para proteger seu direito de existir, sua integridade territorial. Eu vejo Israel, e não me importo de dizê-lo, como um dos grandes postos avançados da democracia no mundo, e um maravilhoso exemplo do que pode ser feito, como a terra deserta quase pode ser transformada em um oásis de fraternidade e democracia. Paz para Israel significa segurança e essa segurança deve ser uma realidade.

Deve-se notar que o Rabino Dr. Abraham Joshua Heschel tornou-se um amigo próximo do Dr. King e participou da histórica marcha Selma. Rabino Dr. Heschel comentou que ele sentia que seus pés estavam orando enquanto ele marchava por igualdade e justiça em naquele dia quente de verão. No 60º aniversário do Rabino Dr. Heschel, Rev. Dr. King foi convidado para vir e abordar 800 rabinos que vieram para honrar o Rabino Dr. Heschel. Os rabinos haviam aprendido a cantar: "Nós devemos superar" em Hebraico e cumprimentou seu orador convidado cantando a sintonia familiar com as palavras Hebraicas, *Anu Nitgaber*.

Em conclusão, a agenda atual que pretende transformar a fé Cristã Evangélica e prática em relação a Israel nada mais é do que uma versão revivida do anti-Semitismo, anti-Sionismo e teologia de substituição que desafia o direito de Israel existir dentro de fronteiras seguras e reconhecidas.

Os proponentes deste movimento calculado dentro do Cristianismo Evangélico para se desvincular dos ensinamentos Bíblicos que sustentam a eterna aliança entre Deus e o povo Judeu precisam responder à pergunta: O Estado de Israel tem o direito de existir? Quando a conexão entre um Jesus Judaico, Israel e a fé Cristã, conforme demonstrado pelos ensinamentos de Jesus e do Apóstolo Paulo, são considerados em seu contexto bíblico e histórico, a única resposta possível a essa pergunta é: Sim.